PENTAGRAMA

2005 NÚMERO 3

Revista bimestral do

LECTORIUM ROSICRUCIANUM



O PINTOR EM SEU ATELIÊ

O CORAÇÃO, UM ÓRGÃO DE UNIDADE

RENOVAÇÃO DO TEMPLO DE NOVEROSA

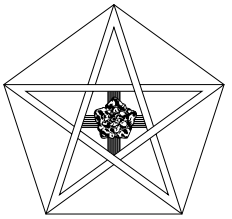
A SENSAÇÃO DE SUPERMERCADO

MARCEL PROUST EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO

TUDO QUE PODEMOS APRENDER NO DESERTO

A VIA ÍNGREME – HERMES E ESPINOSA

A ESCALADA DA MONTANHA



Redação
C. Bode, A.H.v.d. Brul,
I.W. v.d. Brul, R. Bürmann, P. Huys,
H.P. Knevel, G.P. Olsthoorn,
A. Stockman-Griever, G. Uljée

Endereço da Redação
Pentagram,
Maartensdijkseweg 1,
NL – 3723 MC Bilthoven, Holanda.
info@rozekruispers.com

Edição Brasileira
Editora Rosacruz
Administração e Vendas
Caixa Postal 39
13240-000 – Jarinu – SP
Brasil
Tel: (011) 4016-1817
Fax: (011) 4016-5638
info@editorarosacruz.com.br

Editado nos seguintes idiomas
Holandês, Português, Alemão,
Espanhol, Francês, Grego*, Húngaro*,
Inglês, Italiano*, Polonês*,
Russo*, Sueco*.
A revista é editada 6 vezes por ano
(*Editada 4 vezes por ano)

Lectorium Rosicrucianum
Sede no Brasil
Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo, SP
www.rosacruzaurea.org.br
info@rosacruzaurea.org.br

Sede em Portugal
Travessa das Pedras Negras, 1, 1°, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzaurea.org

© Stichting Rozekruis Pers.
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito.

ISSN 1677-2253

Revista bimestral da
Escola Internacional da Rosacruz Áurea
Lectorium Rosicrucianum

A revista Pentagrama propõe-se a atrair a atenção de seus leitores para a nova era que já se iniciou para o desenvolvimento da humanidade.

O Pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o Pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista Pentagrama convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

PENTAGRAMA

A Escalada da Montanha

Na filosofia da Escola
da Rosacruz moderna
as montanhas são comparadas a cumes
de onde é possível avistar o novo
campo de vida e de onde nos vem
o auxílio para atingi-lo.



Índice

2 O pintor em seu ateliê

4 O coração, um órgão de unidade

11 Renovação do templo de Noverosa

17 A sensação de supermercado

22 Marcel Proust em busca do tempo perdido

28 Tudo que podemos aprender no deserto

32 A via íngreme – Hermes e Espinosa

39 A escalada da montanha

Ano 27
Número 3

O pintor em seu ateliê



Ninguém pode ver o mínimo que seja da verdade a menos que se torne semelhante a ela. Já não acontece assim neste mundo, para o homem: ele vê o sol sem ser ele mesmo o sol, ele vê o céu, a terra e todas as outras coisas, sem ser ele mesmo essas coisas. Mas no mundo da verdade, quando vemos algo, tornamo-nos semelhantes a esse algo; quando vemos o Espírito tornamo-nos semelhantes ao Pai. Neste mundo, vemos tudo sem nos vermos a nós mesmos. Mas naquele mundo, nos vemos a nós mesmos, e nos tornamos o que vemos.[1]

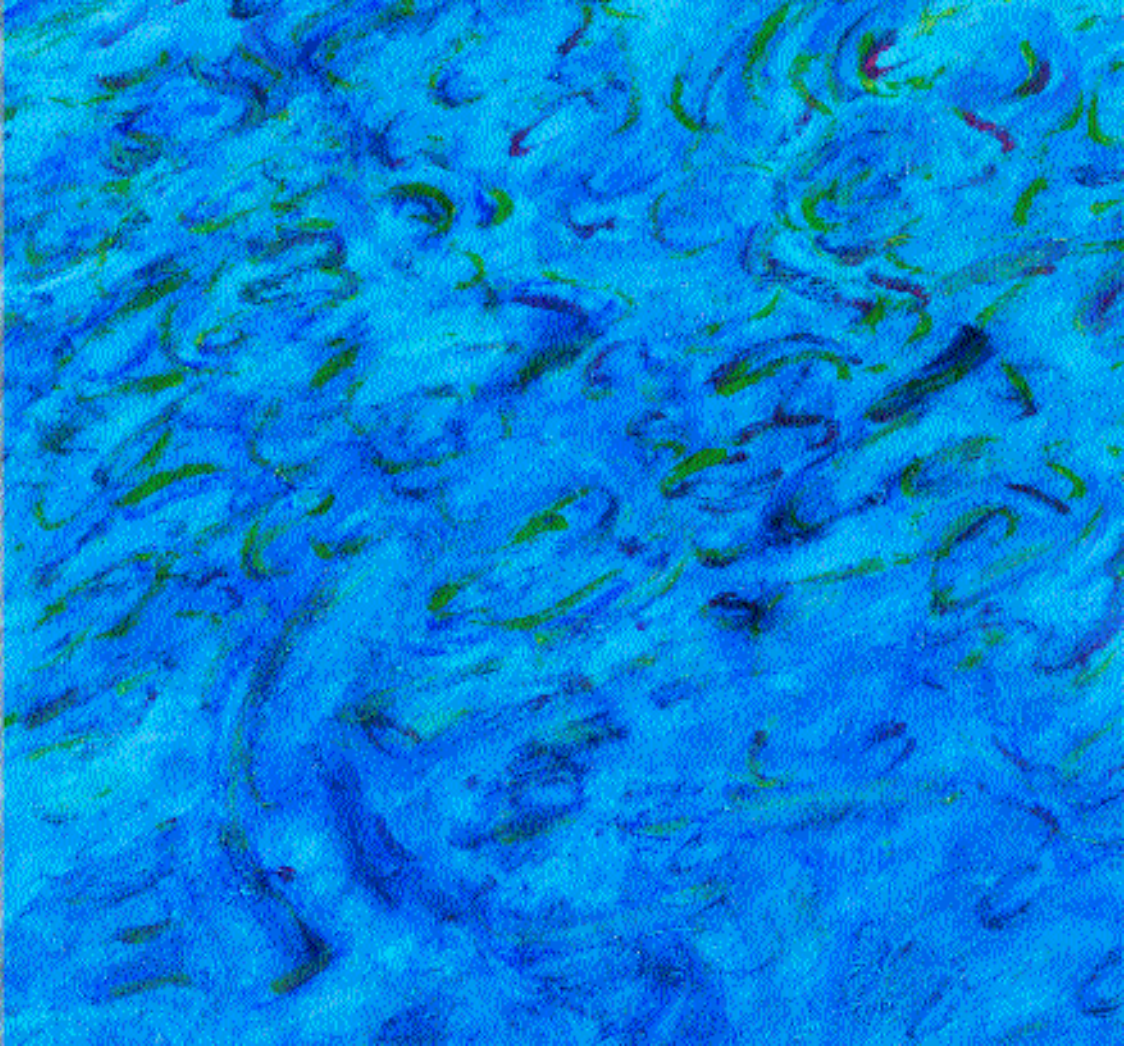
Durante horas a fio, o pintor tenta reproduzir o modelo que colocou diante de si. Primeiro, ele examinou todos os detalhes e desenhou rapidamente os contornos na tela. Mas não está satisfeito: "Não está bom", ele repete, "não tem vida!", e finalmente interrompe suas tentativas.

À primeira vista, sua reprodução estava bastante parecida com o modelo, quase como uma fotografia, porque ele observara bem, com seu olho treinado, e soubera abarcar os contornos do objeto. Mas não era esse o seu objetivo.

Somente com a reprodução quase pronta o pintor observa como, na luz, a obra se decompõe em muitas cores do espectro. Parece com as pinturas dos impressionistas, mas ele não está satisfeito. Técnica e virtuosidade produziram uma pintura, porém, ela permanece morta. A realidade retirou-se a cada tentativa do pintor. Sem querer, em cada nova forma, ele mistura seu conhecimento dos diferentes estilos; sim, a idéia que fez sobre o que queria de sua pintura atrapalha o resultado.

"Se eu pudesse simplesmente esquecer todo esse conhecimento e esse cálculo", resmunga, e tenta não querer mais nada. Ele quase já não olha sua obra, uma vez que a conhece bem. Poderia pintá-la com os olhos fechados. Mesmo assim, seus esforços continuam infrutíferos.

A observação do objeto quase já não tem tanta importância. Ele anseia, ao invés disso, pelo momento em que sua obra se libertará do astucioso intelecto, por meio do cansaço e do desapontamento. O pintor sabe por



E. de Keijzer. *Ondulações* (detalhe). Coleção particular. Foto Pentagrama.

experiência que isso ocorre muito raramente, mas pode ser que aconteça num momento desses. Uma sensação interior de fundir-se com o objeto, e nessa gestação as linhas de força da obra se formam no pintor, o sujeito. Então, da vivência da unidade nasce a pintura. Num instante a pintura irrompe numa leveza sem precedentes; o grande esforço e a longa luta foram omitidos. Tais pinturas dão a impressão de terem sido realizadas sem um esforço sequer, em alguns minutos, e dão a sensação de algo realmente vivo.

O pintor sabe que não está atrás de uma quimera. Ele encontrou essa tocante simplicidade nos desenhos em bico de pena de antigos artistas do Extremo Oriente. As tímidas linhas traçadas de modo humilde mostram uma erva, uma flor, um besouro, que somente tomam forma quando toda a vontade, toda a vaidade e mesmo toda a cultura artística, o refinamento no artista, silenciam. O olho exterior, que quer tomar posse do mundo, se fecha e a visão interior, que desperta, não inventa um mundo de fantasia, mas se amalgama com o objeto observado em um único corpo que contempla seu ser interior e se expressa.

1 *O Evangelho de Felipe,* dos manuscritos de Nag Hammadi.

O coração, um órgão de unidade

Cedo ou tarde a alma experimenta nosso campo de vida como um cárcere. Ela sofre a inconstância da natureza na qual é prisioneira e que a impede de se elevar. Consideramos que a natureza e o nosso corpo tendem a se opor à alma. Mas isso é um erro. Podemos ver a vida como uma escola de treinamento, onde permanecemos temporariamente. Então, fica claro que nós não aprendemos suficientemente as lições.

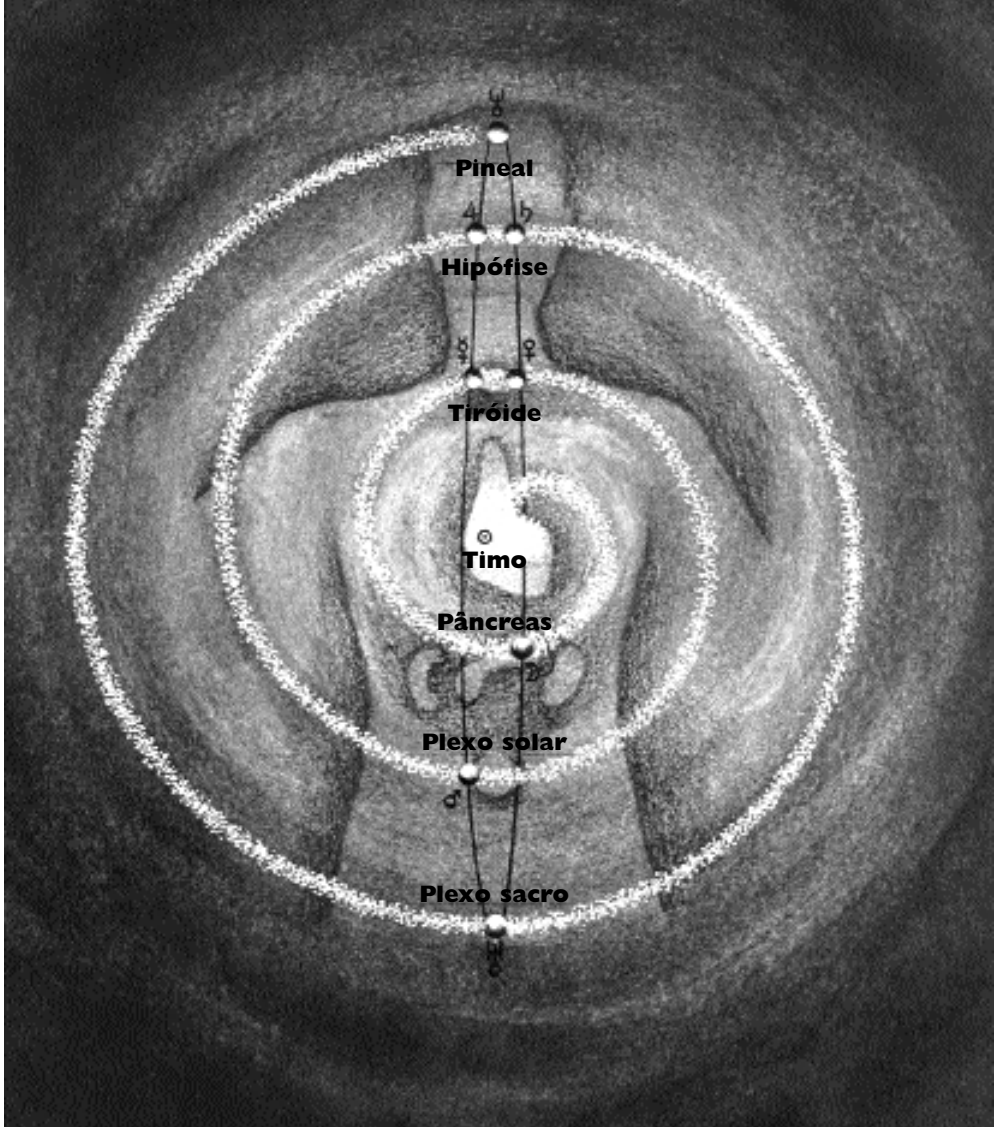
A vida não tem outro objetivo senão indicar-nos o caminho da libertação. As leis e os fenômenos têm dupla função: a perpetuação da forma e a criação de condições favoráveis ao desenvolvimento do novo homem. A natureza terrestre e o corpo humano são instrumentos admiráveis para a realização desse homem.

A alma está ligada ao corpo e a este campo de vida. Porém, essa não é a causa de seu aprisionamento, que, na realidade, reside no fato de considerarmos o corpo e este campo de vida como sendo um fim em si mesmos. Se concentrarmos nosso objetivo neste fim, ele se voltará contra nós. Por conseguinte, é importante que aprendamos a conhecer a função real e a estrutura de nosso corpo e da natureza.

Todo desenvolvimento espiritual começa no coração, pois ele é o órgão da unidade. Isso não é de surpreender, pois o princípio da unidade encontra-se em sua estrutura. A constituição das células do miocárdio distingue-se da de todas as outras células por um ponto fundamental. Sabemos que as células corporais são o resultado da repetida divisão de um óvulo. Nas células, o princípio de divisão e de separação leva à manifestação. As células de nosso organismo, dependendo do órgão, mostram uma grande diversidade de formas. São inumeráveis corpúsculos separados entre si, banhados em seus interstícios por um líquido intracelular. Somente as células da pele e dos músculos estão em contato umas com as outras.

A estrutura celular do coração é a única a apresentar uma tendência à ligação e à unidade. As células do coração não tocam umas as outras como o fazem as células dos músculos, porém, têm estreitas facetas, semelhantes a rodas de engrenagem, que se encaixam umas nas outras. Elas se entrecruzam como os dedos das duas mãos e, assim, possuem uma grande coesão. Podemos ver nas células do coração como elementos separados se ligam novamente numa desejada unidade, o que nos permite fazer uma analogia estrutural com uma predisposição à ligação no coração material. Dessa tendência do coração para a unidade provêm as duas principais categorias de sentimentos: alegria e tristeza. O coração toma alegria e felicidade como uma experiência de unidade, e tristeza, amargura e ódio como uma experiência de separação e isolamento.

Assim como o coração é o órgão da unidade, a cabeça é o órgão da separa-

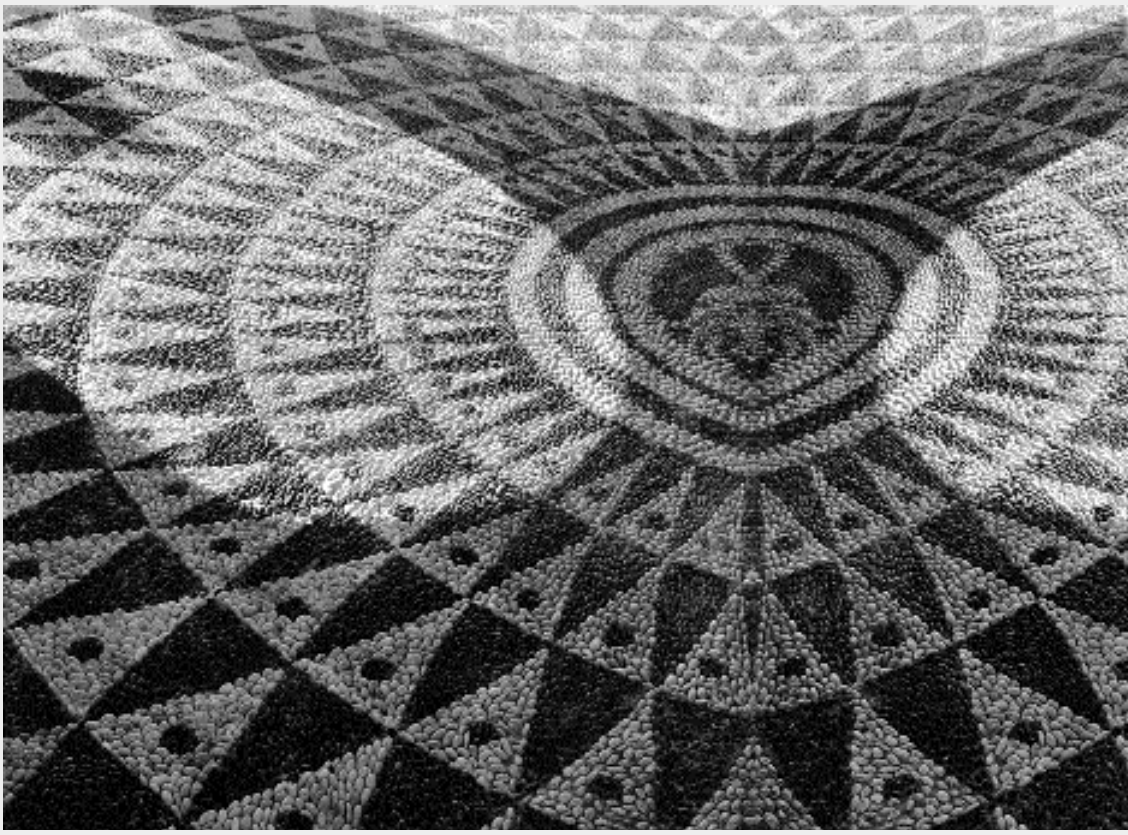


O homem como microcosmo. Os centros de energia e as glândulas correspondentes atraem forças e as transformam. Ilustração baseada em famoso desenho de Grichtel, de 1730, in: R. Collin, *The Theory of Celestial Influence*, 1954.

ção. O cérebro é formado de dois hemisférios que agem um sobre o outro em processos opostos e complementares. Ele é, portanto, polarizado e mostra uma unidade a partir de dois centros distintos um do outro. Há também outros órgãos que são duplos – os pulmões, os rins e os órgãos genitais – mas estes têm uma função única. O mental humano é polarizado, discriminador. Não conseguimos dar um passo sequer com a compreensão mental se não o classificarmos e definirmos. Com o nosso mental e a nossa consciência cerebral somos criadores de um mundo de oposições. Não podemos agir de outro modo. Devemos comer diariamente do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal. O pensamento é, portanto, analítico, ou seja, ele subdivide, separa. Dizemos que alguém dotado de grande desenvolvimento mental possui um intelecto aguçado. Isso não está muito distante do pensamento crítico, que pode ter um efeito danoso. O pensamento holístico tampouco pode abarcar a totalidade. Também chamado de pensamento sintético, ele permite reunir os elementos de um todo, mas somente depois de esses elementos terem sido separados pelo pensamento analítico. Assim, a unidade continua sendo artificial.

Dois tipos de aspiração à unidade e duas funções separadoras

Podemos ainda subdividir a função



Mosaico de seixos (imagem espelhada). Kalithea, na ilha de Rhodes.

separadora do cérebro e a função unificadora do coração. Fazemos uma distinção entre a aspiração da alma natural e a aspiração da nova alma. Quando o ser humano aspira à unidade, é sempre com base na personalidade. Ele busca a associação, o amor e a unidade com outras pessoas, com propriedades ou com a natureza. Essa busca, cedo ou tarde, leva à solidão, à tristeza e ao sofrimento. Ao término de inúmeras e amargas experiências, ele é finalmente conduzido a um limite. Nesse limite o coração se torna sensível aos impulsos de um outro campo de vida. Uma nova força vital, proveniente de um plano superior, circula pelo sangue e se eleva até a cabeça, mudando, assim, certas funções do cérebro. Disso resulta um novo modo de pensar que continua discriminador, mas que já não se encontra limitado unicamente ao domínio moral do bem e do mal: ele também distingue entre o espiritual e o natural.

Esse pensar, nascido da força da rosa-do-coração, distingue agora entre valores imperecíveis e perecíveis. Quando ele se coloca a serviço do princípio eterno no coração, a segunda função também é despertada. Então, a aspiração do coração à unidade já não se orienta para a ligação com o eu de outras pessoas, mas para a unidade de almas, a unidade de grupo. Agora compreendemos as duas funções da cabeça e do coração em conjunto:

- A separação entre os opostos, que leva sempre a um conflito, e a capacidade de discernir entre a eternidade e o tempo.
- A união com base na personalidade, que sempre acaba em solidão e perda, e a união com base na alma, que provê a energia para trilhar a senda.



Notemos, ainda, a diferença entre a divisão celular cancerosa e a divisão celular saudável. A divisão celular saudável está subordinada à lei do conjunto, da unidade. A cancerosa, por sua vez, é um crescimento celular mórbido, uma divisão celular descontrolada que já não está a serviço da integridade do organismo, mas trabalha de modo totalmente descontrolado. Do nosso ponto de vista, o coração é o órgão da unidade, tanto no plano da alma natural como no plano da nova alma. Portanto, não é de admirar que o coração, de modo geral, não seja atingido pelo câncer.

Uma nova energia circula no sangue

O coração se situa entre o átomo primordial e o sangue; ele é o portal pelo qual a energia do átomo primordial pode passar para o sangue. Essa energia tem uma alta vibração e, por isso, purifica o sangue. Em outras palavras: o sangue impuro da alma natural é purificado no coração pela energia de Cristo. Eis por que é dito: "O sangue de Jesus Cristo nos purifica de todos os pecados".

Essencialmente, o sangue é composto de água, de células, de corpúsculos e de substâncias dissolvidas. Nele estão impressas, entre outras coisas, informação e energia desconhecidas na natureza material. A água é a expressão material do etérico; ela também é uma transportadora de informação. A água e, conseqüentemente, também o sangue podem assimilar e registrar a informação e a energia emitidas por radiações e substâncias. No sangue está fixada a essência da totalidade de nosso estado de ser no campo de vida. Eis por que nos referimos ao sangue como a alma. A transmissão da informação ou da energia à água está sujeita a certas condições. É na água em movimento que essa transmissão se efetua melhor. Porém, uma corrente retilínea como, por exemplo, nos canos e dutos de água, é um movimento artificial e inadequado à vitalização da água. A água move-se de maneira natural em ondas e em vórtices.

Há uma forma de movimento bastante particular denominada lemniscata. Ela é representada por um oito deitado que, estando na água, mediante cada fluxo das correntes que circulam pela dupla espiral em forma de oito, uma girando para a direita e outra girando para a esquerda, faz que os dois vórtices convirjam. Na matemática, a lemniscata é o símbolo do infinito; na filosofia, ela representa a eternidade. Ela também simboliza para nós algo que não pode ser representado de modo concreto e que pertence a uma outra dimensão. Como os símbolos não são arbitrários, o movimento em lemniscata significa que há uma entrada possível para uma outra dimensão, visto que ela liga dois mundos.

A anatomia do coração e seu funcionamento – os quatro ventrículos, o encadeamento específico de suas con-

trações, a forma espiralada do miocárdio – permitem que o sangue circule seguindo um movimento em lemniscata. Na circulação sanguínea embrionária vemos o início da formação do coração como uma correnteza adentrando em forma espiralada e girando para a esquerda e outra correnteza saindo em forma espiralada e girando para a direita. Somente porque o sangue atravessa o coração seguindo esse movimento em lemniscata é que uma energia que não é deste mundo pode nele penetrar. O sangue é levado ao coração nesse movimento, e através dele pode absorver as forças purificadoras do átomo original.

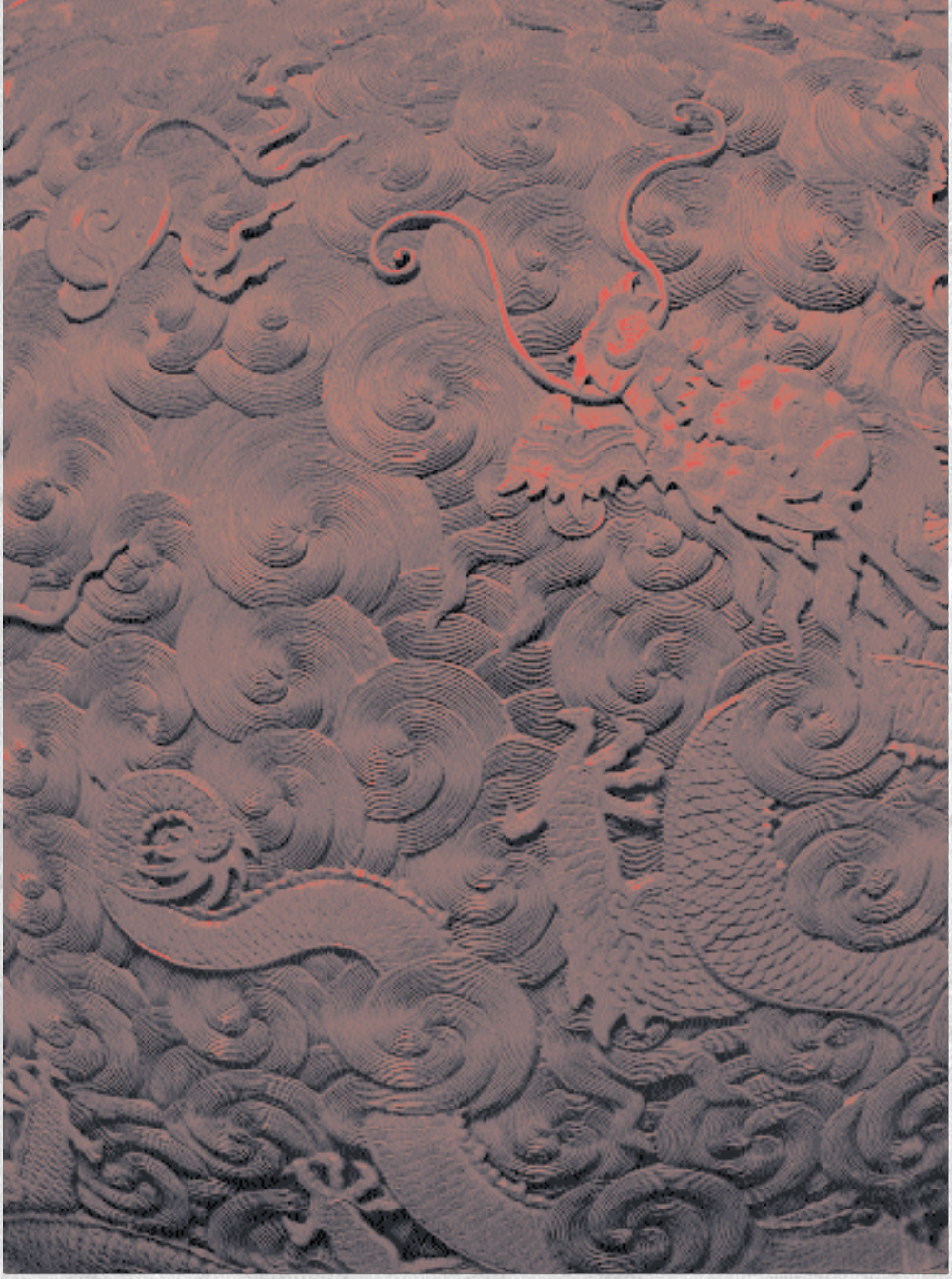
Uma experiência científica demonstrou que não se trata, nessa questão, de uma simples teoria ou de especulação. Misturou-se 50% de líquido poluído com 50% de líquido puro. A sujeira foi diluída, mas não anulada. Em seguida, misturou-se 1% de líquido puro com 99% de líquido poluído, dando-se, depois, a essa mistura um movimento em forma de lemniscata. Verificou-se, então, o desaparecimento completo da poluição.

Esse resultado atesta o formidável potencial de purificação do movimento em forma de lemniscata. Podemos daí deduzir a força incalculável que o átomo original desenvolve no sangue quando lhe damos espaço para tanto.

A anatomia do coração nos fornece uma outra indicação nesse sentido. Os quatro ventrículos estão dispostos em forma de cruz e formam os quatro quadrantes. A cruz é também, exatamente como a lemniscata, um símbolo do encontro de dois mundos, da penetração da ordem superior em nosso campo de vida. A anatomia do coração oferece as condições orgânicas para o ponto de encontro entre a alma natural e a energia crística.

A relação entre o coração e os pulmões

O coração e os pulmões são órgãos submetidos a um ritmo. Os pulmões estão mais subordinados à consciência comum e o coração está subordinado à consciência superior. O ritmo pulmonar pode ser influenciado pela consciência; o ritmo do coração, dificilmente. Nas pessoas que gozam de boa saúde, a proporção entre o ritmo do coração e o dos pulmões é exatamente de um por quatro, o que significa que no tempo de uma respiração o coração bate quatro vezes. O aumento da freqüência cardíaca, por ocasião de um esforço físico, por exemplo, determina proporcionalmente o aumento da freqüência respiratória. E quando esta freqüência respiratória se acelera, devido a uma reação emocional, por exemplo, a pulsação cardíaca se ajusta a ela. Os processos rítmicos em geral desenvolvem-se segundo um movimento ondulatório, num encadeamento constante de aumento e redução das fases. No coração e nos pulmões essa continuidade não existe. Entre uma inspiração e uma expiração há sempre o tempo de uma pequena pausa, um momento de parada. No coração, também notamos entre a sístole e a diástole, e vice versa, a cada vez, uma parada de 1/10 de segundo. É durante essa pausa que o coração armazena a energia necessária para a pulsação seguinte. Mas num plano mais sutil essas pausas condicionam a capacidade de percepção do coração. Porque para cada forma de percepção é necessário um momento de silêncio. O coração é, portanto, um órgão temporal e sensorial de energia que flui no sangue. O que o sangue carrega? O sangue carrega a essência de todos os órgãos, pois cada órgão



Caixa de laca.
Entalhe em madeira.
China, século IX.

informa seu estado ao sangue que flui.

No coração encontra-se a essência de todas as partes do organismo, o que leva o estado de ânimo dominante a se manifestar. Se houver perturbação em um único órgão, essa informação é registrada no sangue. Quando o sangue passa, o coração percebe a "informação" e a traduz em um certo estado de ânimo.

As faculdades de percepção do coração são a base da intuição

Lao Tse diz: "o centro contém todas as imagens". Pelo coração podemos perceber a essência das coisas. Ações libertadoras pressupõem um conhecimento das coisas ocultas, que não é adquirido por meio do pensamento especulativo, mas unicamente pela intuição. A intuição é o testemunho do coração purificado que se tornou silencioso. No coração apaziguado libera-se o saber interior, o significado das imagens, isto é, as estruturas espirituais segundo as quais a nature-

Alegria dos jovens na abertura de "seu" Templo de Noverosa. Foto Pentagrama.
A primeira pedra do templo de Noverosa. Foto Pentagrama.

za é constituída. Desse modo, percebemos também a assinatura desses arquétipos e obtemos o *insight* da essência profunda das coisas e das causas do sofrimento.

Também vemos o ritmo do coração e seus momentos de pausa em outros ritmos de vida. A vida é ritmo, todos os processos vitais se desenvolvem de maneira rítmica. Em nossa vida diária conhecemos a alternância entre atividade e repouso, mas de maneira diferente. Exatamente da mesma forma que no coração os momentos de pausa são os momentos de percepção, assim também nosso ritmo de vida assume toda a sua importância quando, entre a atividade e o repouso, inserimos um tempo de reflexão e de percepção. Antes de adormecer meditamos sobre as atividades do dia, e pela manhã tentamos compreender aquilo que recebemos durante a noite. Por isso, todo ritmo de vida experimenta uma medida básica de quatro tempos:

1. atividade e serviço, o dia;
2. percepção e reflexão, o entardecer;
3. repouso e recepção, a noite;
4. assimilação e preparação, o amanhecer.

Esse ritmo quádruplo aplica-se também a cada atividade no decorrer do dia. Trata-se de um modelo básico que traz harmonia no intercâmbio das atividades. Se não prestamos atenção a esse ritmo quádruplo, aparecem o estresse e o esgotamento, que, com o tempo, podem acarretar problemas cardíacos.

O silêncio do coração

O silêncio do coração, essa porta única e essencial, o critério decisivo, dificilmente pode ser comparado com algo. Aqui, o critério é a própria experiência, a consciência de estar no limite e nada mais esperar desta natureza. O critério para passarmos do desenvolvimento cultural para o desenvolvimento gnóstico é o ponto zero, o ponto em que já não encontramos nenhum apoio nesta natureza. Encontramos analogias entre as assinaturas dos processos materiais e as assinaturas dos processos espirituais mais elevados, mas, para a passagem, para o silêncio do coração, não encontramos imagem alguma. Quem quer que tenha fixado neste campo de existência um certo ritmo de vida, juntamente com uma purificação do sangue e uma certa unidade e amor, encontrar-se-á, cedo ou tarde, diante de um limite. Essa pessoa ver-se-á de mãos vazias. Caso aceite isso e renuncie a fazer novas experiências, ela entrará no silêncio do coração. Este é o ponto de reversão decisivo. As mesmas estruturas anatômicas, que antes garantiam o seu caminhar pela via cultural, formam a base de um desenvolvimento totalmente novo.

A purificação natural do sangue, que lhe permitia a conservação neste campo de vida, muda-se em uma purificação do sangue pela luz de Cristo. A aspiração à unidade com a natureza transforma-se em aspiração à unidade com o espírito divino. A harmonia do ritmo de vida muda de ritmo natural para um ritmo divino. Elas mudam de vibração em conformidade com o alento do Espírito.

Então, no coração, soa novamente o único Verbo do começo, o Logos, que inicia o processo de criação do novo devir humano.

Renovação do templo de Noverosa



"Aqueles que O buscarem cedo O encontrarão." *Estas palavras, que se dirigem a todas as crianças como uma promessa, estão gravadas sobre a primeira pedra do templo de Noverosa. Talvez vocês a tenham visto durante os serviços. Ela se encontra na parede, abaixo da cruz.*

Por que exatamente essas palavras? A que se refere esse "O"? Ao templo? A alguma pessoa que devamos buscar?

Esse "O" significa "Cristo", a "luz crística". Para o nosso planeta, Cristo representa o mundo da luz; Cristo está presente no interior do ser humano, em seu pequeno mundo, na "rosa" ou botão de rosa do coração. É esse botão de rosa que é despertado por ele, esse "O".

A vida mais bela sobre a qual possamos pensar é a de uma criança com a nova rosa, da qual ela é portadora. Se a rosa desabrocha, sua deliciosa fragrância penetra o microcosmo. E, uma vez que a criança também está no microcosmo, ela passa a compreender cada vez melhor que Cristo nela é:

Força, Amor, Sabedoria.



Palavras de abertura na inauguração do templo de Noverosa reformado em 12 de março de 2005

Alocução da Direção Espiritual Internacional:

Este é um dia festivo para nós, pelo fato de nos encontrarmos reunidos no templo de Noverosa que, embora reformado, continua o mesmo foco de luz de sempre.

Noverosa: o templo da nova rosa, da rosa desabrochada. Esse é o símbolo da centelha de luz ligada com o coração de cada criança. A maioria dos seres humanos nada sabe sobre isso que aqui dizemos a vocês. Vocês também já ouviram muitas belas histórias, especialmente aqui no templo. Já há muito tempo o Pai do Universo inflamou essa centelha de luz em nosso microcosmo, ligando-a ao nosso coração no mundo em que vivemos.

A esta centelha de luz nós chamamos: a rosa. Outras pessoas, que também sabem de sua existência, falam da *flor sagrada,* do *lótus,* da *semente da eternidade* ou da *mônada*.

Mônada significa o "Único", significa *o princípio*, o núcleo da vida original dado pelo Pai do Universo a cada ser humano, a cada microcosmo. Esse princípio fundamental é um átomo-semente. Na realidade, ele é nossa verdadeira alma, de onde o homem divino eterno pode renascer. Esse é o grande objetivo de nossa existência. E como esse princípio tem a possibilidade de abrir-se como uma flor, ele é chamado de rosa, a sagrada flor de nosso coração.

Pois bem, jovens amigos, a luz da centelha divina irradia neste templo. Ela está ligada a este templo. Por essa razão, essas duas luzes, a luz do coração de vocês e a luz do templo, podem se encontrar e se reconhecer.

Há quarenta e sete anos, portanto em 1958, estivemos também aqui reunidos com todos os jovens e dirigentes da Mocidade e os alunos daquela época. Então, em 29 de junho, este templo de Noverosa foi consagrado à Luz e posto em uso a seu serviço. Então, a luz foi nele inflamada. E durante esses quarenta e sete anos milhares de jovens assistiram aqui neste templo suas conferências de renovação. E a luz os tocou em seus corações. Todos esses milhares de jovens da Rosacruz Áurea nunca mais conseguiram esquecer Noverosa.

É certo que, de tempos em tempos, eles ouvem interiormente o chamado dos dois sinos do templo de Noverosa. Eles sabem da centelha de luz em seus corações. Eles se recordam, mesmo que vagamente, do chamado que ressoou em seus corações aqui no templo de Noverosa. E onde quer que os jovens membros da Rosacruz se encontrem, eles guardam a lembrança do templo de Noverosa. Não somente na Holanda, na Alemanha, na França, na Espanha, mas também na África, no Brasil, e em outros países distantes. Pelo fato de morarem muito longe, muitos não podem vir até aqui, mas as estórias e os serviços lhes são transmitidos. E, entre eles, flutua também a bandeira de Noverosa, com a rosa no centro. O templo de Noverosa é verdadeiramente o foco mundial da mocidade da Rosacruz Áurea!

Há cinqüenta anos o templo de Noverosa ainda não existia, e nós, os jovens, nos reuníamos em "De Haere", o acampamento da mocidade da Rosacruz Áurea. Ali, na tenda-templo, nós ouvíamos falar da centelha de luz oculta no microcosmo. A região que circunda Noverosa é chamada "De Haere", que significa "pedra seca", ou "bosque arenoso varrido pe-

lo vento". Poderíamos também dizer "bosque sagrado" ou "floresta sagrada".

É possível que este lugar fosse assim chamado pelos homens que aqui viveram muito tempo atrás. A respeito disso nada sabemos. Podemos apenas dizer que De Haere tornou-se muito especial porque ele é um foco de luz, cujo ponto central é o templo de Noverosa. Um foco da Mocidade da Rosacruz Áurea, onde a flama da Gnosis queima. Assim, nossa centelha de luz pode se tornar uma flama e o botão de rosa pode desabrochar numa maravilhosa flor áurea. Desde 1958 os jovens já não vão a De Haere, mas a Noverosa, porém o jardim das rosas nos faz lembrar os tempos passados, pois era lá que ficava a tenda-templo.

Mas hoje um novo período de trabalho teve início, especialmente em Noverosa, com a renovação de seu templo, onde – é nossa prece e nossa esperança – uma multidão de jovens terá a possibilidade de vivenciar a festa do templo e de irradiar em sua vida a luz que aqui liberarem.

Somos gratos a todos os amigos que colaboraram para essa renovação e os felicitamos pelo fantástico resultado. Trata-se de algo prodigioso!

Que todos possamos permanecer na juventude fundamental da mudança e na contínua juventude da renovação. Que a maravilhosa flor áurea possa adornar com seus raios a cruz da renovação.

Trecho da alocução de abertura pela Direção Internacional da Mocidade.

O templo de Noverosa sempre foi um lugar esplêndido, onde, durante anos, um grande número de crianças e de jovens vivenciou momentos especiais. Contudo, tornou-se necessário submetê-lo a uma restauração, a fim de torná-lo capaz de receber um maior número de crianças nos anos futuros. Hoje pela manhã ouvimos os sinos nos chamarem novamente para adentrarmos o templo branco do silêncio.

Muitas coisas foram demolidas para serem refeitas. Foi feita a instalação dos aparelhos de climatização, as janelas foram trocadas, bem como o piso, as lâmpadas e o pódio para o setor musical. A parte elétrica e a da sonorização foram renovadas, assim como as paredes e o seu isolamento. As paredes internas receberam uma aplicação de gesso e foram pintadas, e as paredes externas foram lixadas de modo a mostrar os bonitos tijolos amarelos e vermelhos. O pódio foi novamente polido, a mesa do altar e o púlpito foram recobertos com madeira. No hall temos novos cabides, bem como estantes para os hinários em holandês, francês e alemão. Até mesmo os hinários da Mocidade foram trocados. Neste dia festivo, fazemos uso dos novos hinários pela primeira vez.

Nos últimos dias, uma nova camada de ouro foi dada à cruz e à rosa. Agora elas irradiam novamente no coração do templo de Noverosa, refletindo o milagre de Noverosa. Sob essa cruz, durante muitos anos, uma multidão de jovens assistiu aos serviços templários nos quais, toda vez, falava-se desse grande mistério: a maravilha da nova vida e da rosa que pode se abrir no coração de todo filho do homem. Este templo permanece ligado a cada criança que conhece Noverosa.

O que é, de fato, um templo? Durante o período de reformas, os grupos A, B e D assistiram aos serviços no salão refeitório. O grupo C viajou até Birnbach, Alemanha, para assistir as conferências internacionais no Centro de Conferências Christianopolis.

Quase todos vocês passaram pela experiência de entrar, num dado momento, no refeitório para ali tomarem o café da manhã, e uma hora depois voltarem para o mesmo refeitório, todo limpo, e sentirem como se estivessem entrando num templo. Na parede havia uma foto, em tamanho grande, de uma cruz com a rosa áurea, o candelabro preparado e um grande vaso vazio. E, claro, o vaso com rosas. Sobre uma pequena mesa, a Bíblia aberta na mesma página, como acontece em todos os templos da Rosacruz Áurea. E vocês perceberam que podiam se concentrar perfeitamente em tudo quanto ali era explicado a respeito do mundo da luz.

Percebíamos que a força do templo não havia mudado. Desse modo, vocês viram que, mediante nossa orientação, podíamos evocar essa força e a ela nos ligar, mesmo no refeitório.

Naturalmente isso acontece porque aqui em Noverosa vimos trabalhando com a força-luz durante um longo tempo. Muitas crianças, que hoje são vovôs e vovós, assistiram a esses serviços. Porque aqui em Noverosa falamos sobre a luz há quase setenta anos. Muitas dessas crianças decidiram-se, desde muito jovens, a tudo fazer para seguir o caminho para a nova vida. Para a vida de um mundo que não podemos ver, mas que trazemos em nosso interior, como um botão de rosa que nos liga com o imenso e poderoso mundo da luz que tudo envolve.

Em todos esses alunos, jovens ou idosos, o desejo pelo "totalmente outro", pelo "totalmente novo", tornou-se cada vez mais forte no decorrer dos anos. Pouco a pouco, eles compreenderam e reconheceram que existia um campo vibratório excepcional: o campo de encontro de todos aqueles que avançam sempre mais para perto da força gnóstica. Esse campo tornou-se muito forte, tão forte que ele agora atua como uma esfera de influência de um campo templário.

Nesta esfera encontra-se o templo da Gnosis, o templo do conhecimento interior do coração e do conhecimento exato de que o mundo da luz está sempre presente. Em Noverosa, o campo templário encontra-se em toda parte. Portanto, o verdadeiro templo não é unicamente a construção de pedra que podemos ver, mas uma construção de luz, tanto no templo quanto fora dele. Ele também está presente, por exemplo, no jardim das rosas. Agora vocês compreendem como era fácil transformar em templo o salão refeitório e ali vivenciar os serviços. Portanto, para o nosso grupo, voltar-se para o templo era coisa que se fazia de imediato, assim que o refeitório era transformado em templo. A esta luz, presente em toda parte, vocês sempre podiam ligar-se, onde quer que estivessem.

Vocês irão perguntar: se isso é tão fácil, temos verdadeiramente necessidade de uma construção templária?

Contudo, um templo é uma oficina,





um lugar na terra conservado tão puro quanto possível no mundo da matéria. Nele as pessoas se reúnem para orientar seus pensamentos, sentimentos e desejos para o mundo das almas, para o mundo da luz. Neste templo branco e puro encontram-se apenas símbolos ou objetos que nos fazem recordar da luz. Um edifício templário é um lugar onde reina profunda harmonia, um lugar no mundo onde a *força-luz* se liga conosco. É exatamente em tal lugar, no templo, que essa força muito especial atua melhor. Toda vez que adentramos o templo inicia-se uma festa da luz.

Conhecemos, portanto, um *campo* templário e um *edifício* templário. O edifício templário simboliza a esfera de influência do campo templário. A particularidade do edifício templário é que o campo templário está sempre presente ali. Ele está ali antes de entrarmos no edifício templário e permanece ali quando deixamos esse edifício. É, portanto, ainda algo diferente de um simples refeitório transformado. O trabalho que cada um de nós executa à sua maneira na oficina templária permanece mesmo após termos deixado o templo. Agora vocês podem compreender a importância do serviço que prestamos uns para os outros em nossos grupos da Mocidade.

Olhem bem este templo renovado e a cruz áurea. A viga dourada que vai de alto a baixo simboliza a luz que desce do mundo divino e cruza exatamente no meio da viga que vai da esquerda para a direita. Essa viga horizontal da cruz representa o homem, e a rosa que está no centro é o símbolo do átomo original que dormita no coração de cada um de nós.

Esse toque da luz faz que esse botão de rosa desabroche em uma rosa e expanda seu perfume no sistema corporal. Semelhante filho do homem sente-se sustentado e segue, cheio de alegria, ao encontro de seu futuro. A luz recebida no campo do templo, nós sempre levamos conosco.

Agora, vocês poderiam igualmente considerar nosso corpo como um templo, uma oficina da luz. Vocês conseguem imaginar seu corpo como um edifício? Ele é um edifício templário, porém ainda há muito trabalho a ser feito. Esse edifício, essa oficina de trabalho, deve ser renovado. Isso pode






ser feito graças à luz que está em nós, em nosso coração. Porém, isso não acontece automaticamente. A luz está presente, certamente, mas vocês devem abrir-se e trabalhar com ela.

Trata-se de uma renovação dos seus pensamentos mediante um esforço para permitir que eles sejam penetrados pela força-luz. Trata-se de uma renovação dos seus sentimentos mediante sua aspiração pela luz acima de tudo e de uma renovação dos seus atos mediante uma tentativa de manter-se conscientes da luz em tudo quanto vocês fizerem.

Vocês poderão tentar fazer isso sozinhos. Mas o trabalho é muito mais fácil se o fazemos em grupo, tanto para cada trabalho como para a reconstrução do templo de Noverosa. Este é o motivo pelo qual nós sempre nos encontramos em grupo, voltados para o mesmo objetivo. Não somente os adultos, mas também as crianças que, no mais profundo de si, sabem, desejam e buscam o mundo da luz.

Durante cada serviço templário nós nos reunimos: os jovens, os dirigentes, o *staff*, a fim de nos abrirmos para a verdade. Nós ouvimos juntos e cantamos os hinos da Mocidade, e isto resulta num certo ritmo, num tipo de movimento, e numa mesma vibração no grupo. Nessa orientação para um objetivo único é possível surgir uma ligação com o campo de encontro do mundo da luz.

Trabalhamos com a luz em nosso próprio corpo e, ao mesmo tempo, no corpo do grupo, o grupo formado pelos membros da Mocidade e pelos alunos da Rosacruz Áurea. Trabalhamos todos juntos no corpo-vivo de nossa Escola.

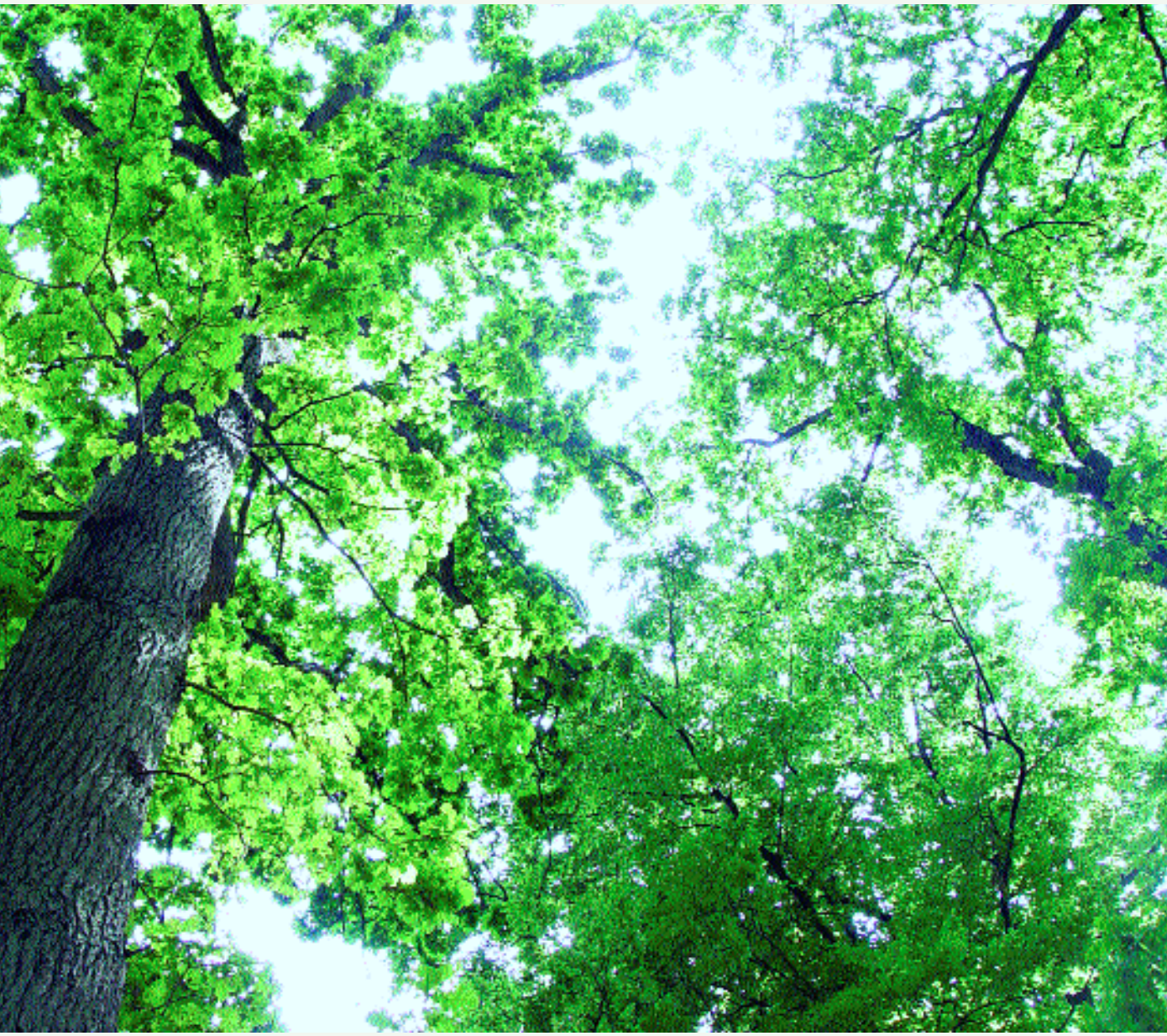
O templo de Noverosa é igualmente o templo do raio buscador, do raio chamador. Esta é a atividade deste templo. Ele também está ligado a uma tarefa particular, gravada na primeira pedra, assentada em 3 de novembro de 1957: "Aqueles que O buscam cedo O encontrarão".



Primavera no jardim das rosas. Centro de Conferência de Noverosa em Doornspijk, Holanda.

Desejamos a todos vocês conferências da Mocidade plenas de bênçãos. Conferências que possam ser o início da construção de um templo muito especial.

A sensação de supermercado



Ele tem apenas 16 anos, e relata o seguinte: "Num dado momento, acabei chamando-a de 'sensação de supermercado'. Eu não a sinto somente lá, mas também, por exemplo, durante uma festa escolar ou bem no meio da Estação Central. Não acho que seja eu quem cria ou provoca essa sensação, mas algumas vezes ela surge de repente. Então, eu estou como num supermercado, e de repente vejo toda essa gente que passa, todos esses carrinhos, toda essa vidinha. Eu me vejo nisso e sinto vontade de chorar. E então, fica apenas uma pergunta, só uma, que afasta todas as demais: Por quê?"

Que fazer quando um jovem de 16 anos, sensível e bem humorado, desabafa assim durante uma discussão em grupo numa Conferência da Mocidade? Em volta dele estão sentados outros sessenta adolescentes da mesma idade. Em muitos olhares, o reconhecimento pode ser lido. Um dirigente do Trabalho da Mocidade da Escola Espiritual da Rosacruz moderna não tem forçosamente uma resposta sob medida. Será que existem respostas sob medida? O princípio da existência das duas ordens de natureza – ponto fundamental da filosofia do Lectorium Rosicrucianum – é a base que ajuda a compreensão, porém pode permanecer teoria por um longo tempo. Somente quando a compreensão surge do imo é que o indivíduo encontra a resposta ao interminável "por quê".

Serei eu o único de minha espécie?

Um outro dentre os participantes diz: "Posso falar, também, de algo bastante profundo que experimentei em minha infância e que ressurge de tempos em tempos, parecido com essa sensação de supermercado". A essa sensação, ele deu o nome de "sensação de Papai Noel" e disse: "Vocês se lembram de quando lhes contavam essa estória? Nela não existia nada de verdadeiro. Era como um grande jogo no qual todos à sua volta participavam. Os pais, os professores, a irmã mais velha, sim, todos. Depois de contar a estória do velhinho vestido de vermelho com a longa barba branca que chega em seu trenó cheio de brinquedos, o jogo chegava ao fim e cada qual retomava sua vida normal, sem fingimento nem cochichos.

Era assim que eu via a vida quando era pequeno. Tudo não passava de uma grande encenação que se desenrolava no maior segredo, impossível ser de outro modo. Todos tomavam parte naturalmente, todos representavam seu papel muito bem. Todas as pessoas, a terra, os mares, as estrelas, tudo era



Supermercado. Ilustração © Mforma Europe Ltd.

um elemento da grande encenação. Eu era o único que não sabia nada sobre isso; ainda não. Inconscientemente, eu tinha a impressão de que, entretanto, devia aguardar. Então, surgia a intensa esperança de desmascarar essa hipocrisia e entrar na verdadeira vida. Mas, a grande diferença com o Papai Noel é que ninguém chama você e conta o segredo. Você precisa descobrir sozinho. Eu, porém, já sabia: é preciso falar e testemunhar sobre isso. Este é o único modo de pôr um fim à confusão entre a aparência e a realidade. Não existe outra maneira".

Depois que ele disse isso, outros jovens revelaram que também conheciam esse mesmo tipo de sensação e que partilhavam da mesma aspiração a uma vida verdadeira. Com efeito, numerosos são os jovens que têm essa mesma experiência. Eles vêem como as pessoas comuns passam sua existência, de que modo elas a preenchem. Eles sabem que alguma coisa não está certa e geralmente não podem perceber o real e único objetivo da vida. Ao mesmo tempo, vemos muitos adolescentes se entregarem a uma existência superficial, chata, tão chata como a tela de um televisor ou de um computador, sem a menor profundidade, nada oferecendo além do virtual. Sempre é possível nutrir a esperança de encontrar nisso uma possibilidade de despertar, mas freqüentemente ouvimos dizer: "Deixe-me viver minha vida, não se preocupe comigo". Em vez de ir ao encontro daquilo que é real e autêntico, muitos jovens se afundam no mundo da ilusão. "Deixe-me em paz!"

Estranho, não é mesmo? Mas nem tanto, quando vemos o exemplo que os adultos dão às crianças. Mesmo assim, é justificável uma atitude de rejeição? Muitos jovens procuram se anestesiar, e às vezes o fazem literalmente. Mas será que eles não encontram nisso uma certa satisfação? Esse é o caso. Para compensar a insatisfação crônica são também oferecidos os produtos de consumo e os bens materiais.

Herodes, uma figura atual

As crianças dão provas – e não poderia ser de outra maneira – de uma certa abertura necessária para a orientação de seu futuro. Porém, essa abertura se constitui, igualmente, numa grande vulnerabilidade. A criança é contínua e incessantemente assaltada de todos os lados por um grande número de impressões. Ela se encontra bem no meio desta agitação mundial, que a invade por meio de sua abertura sensorial. Se vocês observarem para onde elas são levadas, perceberão que isso é criminoso. É um assassínio da psique infantil, uma versão moderna dos esbirros de Herodes, encarregados de matar os recém-nascidos homens-alma.

"Deixe-me viver minha vida, não se preocupe comigo."

Existem razões que justificam as perguntas sobre o sentido da vida e a recorrência às drogas, tão comum hoje em dia. O ser humano amadurece graças às experiências que faz na escola da vida, com base na lei de causa e efeito, lei essa que permite ao homem tirar lições das conseqüências de seus atos. O microcosmo carrega e envolve uma nova personalidade, que cresce, acumula experiências e morre. Essa personalidade desaparece, mas as experiências adquiridas são transmitidas à personalidade seguinte. A antiga sabedoria denomina carma essa interminável sucessão de períodos de aprendizagem. E o carma tem seus lados positi-







vos e seus lados desagradáveis. Essa é a lei que leva o microcosmo a progredir em seu desenvolvimento, mas essa lei também coloca o ocupante do microcosmo diante das conseqüências cármicas das ações de seus predecessores. Se considerarmos o conjunto das experiências registradas desde a origem, não é difícil adivinharmos de onde vem a "sensação de supermercado".

Graças à lei de causa e efeito, o ser humano acaba chegando rapidamente ao conhecimento de si mesmo e à consciência. Porém, as informações nos são apresentadas incessantemente, e a vida é tão curta. Pouco a pouco vai-se revelando no ser, jovem ou idoso, um silencioso "reconhecimento". A criança que nasce com esse pré-saber não é obrigada a experimentar por muito tempo a grande feira do mundo. Ela vive em busca de uma vida totalmente outra, verdadeira.

Com o tempo, uma parte da humanidade atingiu a maturidade. Podemos comparar o desenvolvimento da humanidade ao de uma criança. A lei de talião – olho por olho, dente por dente – deu aos seres humanos a possibilidade de aprenderem a discernir os limites e os resultados de seus atos. Esse foi um período de experimentação durante o qual os seres humanos foram ajudados, pois deixá-los entregues a si mesmos, nessa fase, seria prova de uma grande irresponsabilidade.

No umbral da maturidade, e isso é normal, uma grande parte dessa ajuda deixa de ser necessária. A grade de proteção formada em conjunto pela Igreja e pelo Estado, as leis, as interdições, as normas impostas e os valores apregoados já não correspondem ao grau de desenvolvimento que a humanidade conhece hoje em dia.

O indivíduo que sabe que é o hóspede em um microcosmo carregado de experiências, deve fazer uma escolha: ou escutar o clamor do mundo, ou aprender a discernir, dentro de si, o murmúrio da lei do amor. Trata-se de uma escolha decisiva para o nascimento do homem-alma interior. A humanidade ingressou em um novo período. A pergunta que agora se apresenta é a seguinte: seremos capazes de assumir a liberdade da maturidade? Em numerosas circunstâncias, os seres humanos se mostram ainda totalmente irresponsáveis. Pensemos tão-somente no meio ambiente e no comportamento geral da humanidade. Contudo, é preciso avançar; esta é a única saída. O acúmulo de experiências forma, agora, uma base comum a um grande número de pessoas que, desse modo, podem escolher uma nova orientação da alma. Atualmente as possibilidades são maiores do que nunca.

Os dois lados da experiência

A lei do carma apresenta ainda um outro aspecto. Cada vez que alguém é confrontado com as conseqüências de seus próprios atos, a lição é aprendida. É a lei de causa e efeito que permite que colhamos aquilo que semeamos. Cada existência está ligada por milhares de fios à vida precedente e às outras vidas. Dessa forma, o ser humano é semelhante a uma marionete que pensa que vive, mas que na verdade é governada pelos seus cordéis. E isto é válido tanto para o indivíduo como para a humanidade como um todo. As aspirações e as reações coletivas formam um imenso campo de força sobre cada família, cada país,

cada povo, sobre todo o planeta. Esse campo exige continuamente ser alimentado por ações, pensamentos e emoções específicas.

A experiência oferece, por um lado, a possibilidade de uma escolha libertadora, mas traz, por outro lado, grande poluição atmosférica, que recolhe ao celeiro tudo o que foi semeado: temores, ódios, alegrias, júbilos de vitórias. De tempos em tempos, uma nova colheita é feita, e o fardo se torna mais pesado. A poluição do domínio material nos dá provas disso. E a roda continua a girar... como as rodas de um caminhão patinando na lama.

Nossa época é muito rica em possibilidades como jamais anteriormente. Uns poucos anos podem ser suficientes para que os jovens de hoje atravessem as etapas pelas quais a humanidade passou. Isso explica por que os jovens, ricos em experiências acumuladas anteriormente, escolhem muito cedo o caminho do não-eu, o caminho da busca de um outro mundo, do mundo da alma vivente, e seguem o processo do renascimento da alma. Ao mesmo tempo, a criança de hoje em dia, aberta e receptiva, está menos protegida das influências do mundo que a cerca. Seu eventual desejo de renascimento da alma torna-se muito rapidamente "esquecido".

O dever dos adultos é proteger a consciência infantil das influências que a atacam de todos os lados, para as quais ela ainda não possui um filtro pessoal. É preciso, em todos os sentidos, estar sempre próximo dela, pois as perguntas que ela faz para si são, na verdade, as mesmas que nos fazemos. Quando nos tornamos completamente adultos, encontramos as respostas a essas perguntas, caso nossa aspiração tenha permanecido viva. Assim, a criança se reporta à maneira como o adulto soube administrar sua aspiração.

Durante os primeiros seis anos, o adulto é um modelo de referência para a criança, que o imita. No decorrer dos seis anos seguintes, seu papel é estimular os ideais, as virtudes e os dons da criança. No terceiro estágio, aproximadamente entre os doze e dezoito anos, o adulto deveria mostrar real e sincero interesse por tudo o que o jovem empreende. A criança deve ser livre para se desenvolver. Não devemos nos imiscuir em sua evolução, nem recorrer a castigos, a psicologia, as humanidades, nem a sistemas educacionais. O melhor método de educação é a amizade. Não a amizade baseada em anti-autoritarismo, nem sob o pretexto de uma pretensa igualdade – não há igualdade de pessoas – mas com base numa eqüidade. Em todo conflito, a tendência é puxar o aguilhão do eu a fim de encontrar soluções, porém não conseguimos assim uma eqüidade.

Esse modo de agir oferece à criança a oportunidade de manter-se aberta para a vida da alma, pois aquilo que está presente nela pode desabrochar e tornar-se uma fonte de inspiração para muitas outras.

Uns poucos anos podem ser suficientes para que os jovens de hoje atravessem as etapas pelas quais a humanidade passou.

O melhor método de educação é a amizade

O Trabalho da Mocidade da Rosacruz tem apenas um objetivo: garantir a abertura da criança à vida da alma, cultivar sua admiração relativa a isso e ajudá-la a reconhecer o bom caminho.

Marcel Proust em busca do tempo perdido

Estamos em contato com o mundo através de nossos órgãos de percepção, que nos ligam a ele e determinam nossa existência submetida a perpétua transformação. Eis o que impede o homem de apreender e reter o instante presente. Parece, entretanto, que acentuamos a fugacidade dos processos vitais. Quem já não teve o desejo de suspender a marcha do tempo? Ele, que, como o vento, varre tudo em sua passagem, só deixando as lembranças? Mas será que estas duram realmente?

Marcel Proust (1871-1922) debruçou-se incansavelmente sobre essa questão ao longo dos sete tomos de seu romance monumental, *Em busca do tempo perdido* (ver ao lado), obra magistral que não é uma autobiografia nem um romance sobre futilidades, como poderia parecer à primeira vista. É um romance que contém chaves, pertencente à literatura moderna, no qual o autor explora os diferentes estratos da sociedade.

Inteligente e refinado por natureza, Proust começa por conseguir um lugar na alta sociedade, para finalmente consagrar-se apenas a seu trabalho, de maneira quase ascética, o que foi, para as belas-letras mundiais, um ganho original e considerável. Desde o ginásio, ele se interessa pelas relações entre o corpo, a alma e o espírito. Ele recebe o "Prêmio de Honra de Filosofia", e o trabalho que apresenta para seu pedido de admissão na Sorbonne, uma grande universidade em Paris, intitula-se *A espiritualidade da alma*.

Atrás das percepções sensoriais encontra-se um mundo desconhecido

No livro *Em busca do tempo perdido*, o narrador Marcel, ao envelhecer, gostaria de rememorar sua infância. Apesar de mobilizar toda a sua vontade, ele permanece fixado num mesmo fragmento envolto em profunda escuridão. O sabor de uma "madeleine", um bolinho macio e delicado, mergulhado em uma xícara de chá de tília, é o que provoca, súbita e espontaneamente, a reminiscência de um grande trecho de sua vida, de dezenas de anos atrás. Os fatos se desdobram em um vasto panorama.

No desenrolar da narrativa, muitas associações, independentes de sua vontade e provocadas por diversas sensações, confrontam-no com sua infância. Ao mesmo tempo, são ativadas partes de seu ser que ele pensava ter perdido de vista há muito tempo. Esses reconhecimentos são sempre

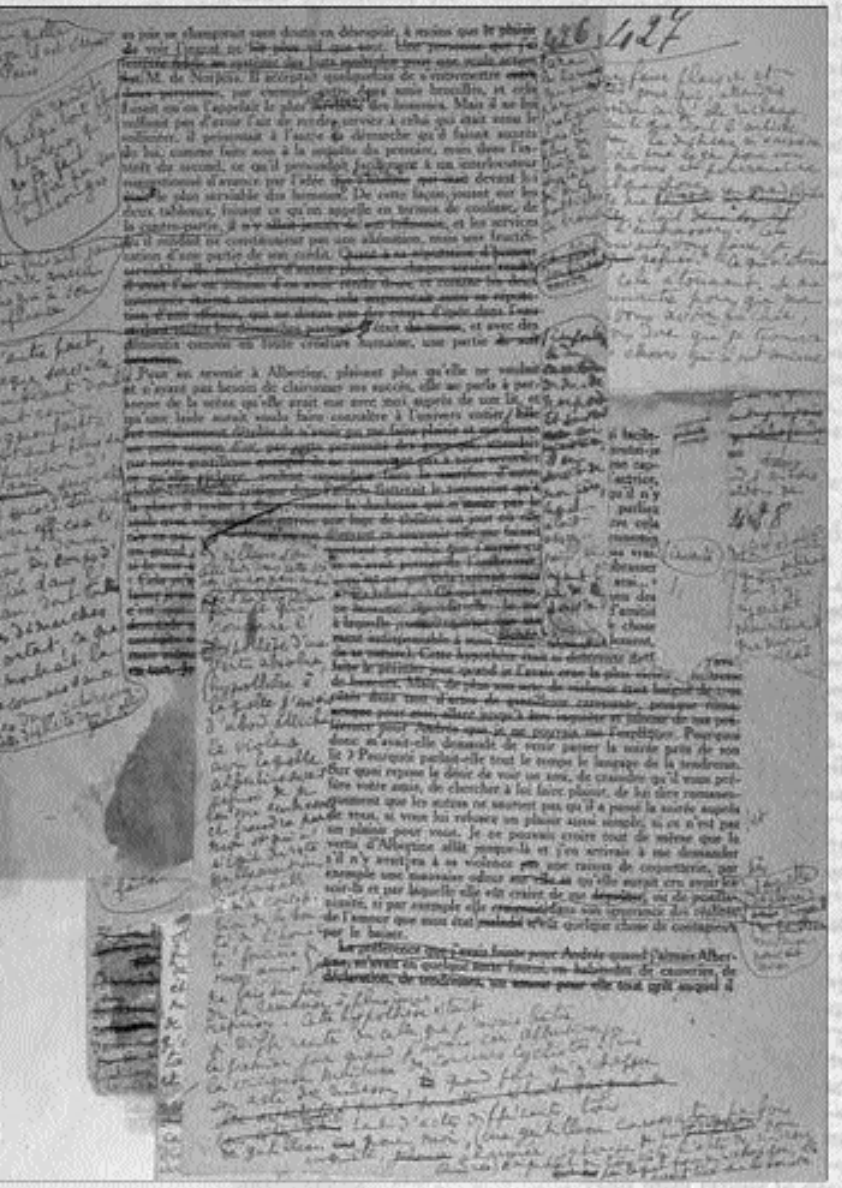


Retrato de Marcel Proust pintado por Jacques Emile Blanche, 1892.

Em busca do tempo perdido

Marcel Proust (Auteuil 1871 – Paris 1922)

Pelo lado materno, Marcel Proust nasceu de uma família afortunada. Seu pai era um renomado professor de medicina. Após ter estudado Direito na Sorbonne, sem obter qualquer sucesso, ele se voltou para os estudos de filosofia.
Em 1896, ele publicou uma coletânea em prosa sobre diversos assuntos. Em seguida, escreveu um romance autobiográfico em três partes publicado em 1952. Após a morte de seus pais (1905 e 1906), a asma, de que sofria desde a infância, agravou-se. Em razão disso, ele se retirou da vida mundana dedicando-se inteiramente à sua obra maior, Em busca do tempo perdido, *dividida em quinze volumes. Além de uma autobiografia romanceada, trazendo à cena numerosas pessoas de seu círculo, Proust fez um paralelo entre as diferentes camadas sociais em que é possível ver, pouco a pouco, a diferença se tornar menor. Em torno do personagem principal, Marcel, que pode ser considerado o reflexo do autor, gravita uma sociedade em processo de decomposição. Somente a arte, em sua visão, permanece criadora. A criação literária é um tema importante no livro.* Em busca do tempo perdido *é a história de um jovem, Marcel, que faz sua aparição no grande mundo da aristocracia, da arte e do amor. Mas é também a narrativa da desilusão: os membros dos círculos da alta sociedade são desmascarados pouco a pouco: eles são hipócritas, insensíveis e imorais. Somente a arte não é desonrada.* Em busca do tempo perdido *é também o conto de uma vocação artística: após muito vaguear nos círculos mundanos, Marcel, na última parte da obra,* O tempo reencontrado, *1927, descobre sua missão como escritor.*



vividos como uma felicidade extática, aérea. Comparados a eles, os esforços voluntários para reencontrar a memória só levam a lembranças limitadas e fragmentárias.

Tomado por essas lembranças inesperadas que ele deseja preservar, Proust decide fazer uma investigação profunda, que registrará com o objetivo de criar uma obra literária. A novidade do empreendimento reside no fato de que o escritor utiliza um narrador como sujeito do processo de criação, e o subordina à sucessão das modificações da experiência. Através da simples exploração de sua vida cotidiana, Proust descobre nele um aspecto insuspeitado que tenta traduzir guiando o narrador até a fonte verdadeira de seu ser interior: o "tempo perdido" que ele encontra no "instante *impromptu* (irrompido)". Assim, ele vê a humanidade como uma unidade e capta a ligação de todos os homens entre si. O emprego da primeira pessoa do singular corresponde, de preferência, a um "nós", cada indivíduo trazendo, entretanto, sua própria contribuição ao conjunto.

As fronteiras do tempo, do espaço e da linguagem

Proust começa por mostrar os limites aos quais o homem está submetido, seu aprisionamento em um mundo bipolar, gerador de falsidade e de confusão. Ele desmascara este campo de vida espaço-temporal no qual já nada é sagrado, e isso o confronta com os limites de seu pensamento, de seus sentimentos, de seus atos, e até mesmo de seus escritos. Em relação aos escritos, ele não elabora nenhuma teoria; simplesmente deixa-os fluir em toda a sua beleza. Com eles, Proust influencia, até hoje, não somente as letras, a filosofia, a arte, mas também a historiografia, que, fundindo-se no encadeamento "lógico" de acontecimentos, encontrou-se questionada pelo romance inovador: apesar do intenso esforço de concentração do artista – e ele cria o máximo que pode ser descrito com palavras – o resultado continua insatisfatório. A expres-

são das lembranças não é confiável. O intervalo entre a reminiscência, o próprio acontecimento e a escrita opõem-se a isso. A corrente ininterrupta da existência exclui o retorno do acontecimento.

Apesar de sua desconfiança em relação à linguagem enquanto "instrumento da ilusão", Marcel Proust, com seu estilo magistral, descreve a essência da cortesia. Ele tenta "transcrever um universo perfeitamente definível". No interior da estrutura circular de seu romance, tudo é movimento contínuo, nada está em repouso. Como a águia que descreve círculos em seu vôo, a linguagem persegue tudo o que pode ser escrito; ela parece levar os acontecimentos onde quer atingi-los, depois recua antes de apontar para algo totalmente diferente. As profundezas desconhecidas das almas são iluminadas de todos os lados, inclusive nas relações mútuas onde estão enredadas. O homem é comparado a um grande receptáculo no qual as mais diversas energias tentam predominar. A projeção das imagens refletidas não tem nenhum interesse, pois as duas polaridades da natureza são apenas o reflexo uma da outra. A atividade dos sentidos está ligada a uma certa inércia da vontade, enquanto o aspecto espiritual se afasta de tudo o que não possui um poder de reflexão. Por mais vasto que seja o espaço tridimensional, ele sempre terá limites. Assim continua a Odisséia.

A modificação das percepções

Proust descreve em uma parábola o modo como o narrador experimenta primeiro um nível mais elevado, antes de tocar o fundo mais negro. Lá se produzem associações fortuitas e dolorosas, até que ele reencontra incontáveis lembranças espontâneas e felizes e pode continuar explorando sua memória.

A experiência decisiva é o episódio da "pequena madeleine": num jantar, no inverno, sua mãe lhe serve uma xícara de chá de tília, símbolo da ternura, acompanhada de um delicioso bolinho em forma de concha. De repente, abre-se nele a porta de um mundo ao qual aspirava intensamente, mas que pensava ser-lhe proibido para sempre. Ele é preenchido de uma grande alegria que "de um só golpe torna incongruentes as vicissitudes da vida e as catástrofes, banais". Na seqüência da narrativa, ele mede os movimentos do coração que o dominam: a dilaceração, o conflito com a morte, a perda de toda ilusão, processo doloroso, mas inelutável, sem o qual não poderia haver desenvolvimento interior.

A felicidade que buscou em vão, quer seja misturando-se aos aristocratas, ao amor ou à arte, o narrador encontra, finalmente, em si mesmo. "A essência irrompida dá, só ela, o poder de encontrar o tempo perdido." A via que conduz à "vida real" é um via de transformação fundamental de nossa disposição interior e de nossas percepções, em oposição ao egocentrismo, à paixão, ao intelectualismo, aos

> *"Justamente no momento em que tudo parece perdido, chega-nos um sinal salvador. Fechamos todas as portas que não levavam a lugar nenhum, mas a única que permite entrar e que buscamos toda a nossa vida, em vão, nela batemos, um dia, sem o saber, e ela se abre."*

"As anotações nas margens e as provas de correção estavam recobertas de correções e de fragmentos de textos tirados de outros lugares, *os paperoles*. Tarefa pouco invejável para redatores e tipógrafos que deviam decifrar esses muitos acréscimos." Terence Kilmartin Bibliothèque Nationale de France.

hábitos. O que, à primeira vista, pode parecer um fracasso, revela-se finalmente um êxito, pois somente a morte das ilusões abre a porta a novos poderes e permite vencer "a força aniquiladora do esquecimento". É o "outro eu" que se lembra, que tirou a foto e obtém dela um negativo inexplorado.

O livro interior e o livro exterior

Proust faz uma distinção entre a verdadeira arte, o artista e o artesão. Na arte autêntica, a realidade pura preexiste à realização da obra; do mesmo modo, o romance preexiste na mente do autor, muito tempo antes que ele se ponha ao trabalho. Mas é somente no fim, depois de três mil cento e cinqüenta páginas, que aparece o esquema diretor do livro. O narrador, o artesão, em contínua transformação, revela as múltiplas facetas de sua personalidade, sem que o leitor, ou ele mesmo, possam distinguir o núcleo central. No decorrer do romance, a centragem própria do autor, do artista, se desloca. Do início ao fim, ele não é idêntico a si mesmo.

O empreendimento literário de Proust é totalmente inédito. Ele mostra que a vida se desenrola em dois níveis: o "eu verdadeiro", que se mantém secreto, sem vontade egocêntrica, e o outro, encarnado na pessoa de Marcel, que tenta penetrar o primeiro, porém sente a falta de impulso de sua própria vontade.

O ponto de intersecção entre o livro exterior e o livro interior situa-se curiosamente, tanto nos volumes como na história, exatamente no meio do sétimo tomo. O escritor não se considera o criador, porém o leitor e o tradutor de seu livro interior, imprevisto. Ele abandona a si mesmo, abandona seu ateliê e seu tempo ao outro tempo, o instante irrompido, e a isso ele deve dar forma. O autor serve de morada (temporária), como forma, para o Espírito: conteúdo e forma tornam-se idênticos.

Ao mesmo tempo, a obra deve servir ao leitor de "lupa para ver o que de outro modo ele não poderia ver. Na verdade, o leitor faz uma leitura de si mesmo".

Apesar da amplitude da obra, Proust deixa o leitor inteiramente livre. Cada um pode decifrar o modo como se realiza, nele, o novo. Damo-nos conta das enormes possibilidades que "o autor interior" põe à disposição do artesão, por pouco que este queira soltar sua garra de tudo o que o estorva. Chegamos sempre a um limite a partir do qual aspiramos a uma libertação, e compreendemos que não somos nós, mas o espiritual em nós que sustenta o processo.

Tempo e consciência

O universo do qual Marcel Proust tentou fazer o inventário em quatro mil páginas deixa uma profunda impressão. O distanciamento com o qual descreve "o lugar em expansão desmedida" que o homem ocupa no tempo, ilumina um mundo que podemos abarcar em seu conjunto, encerrado em si mesmo, e do qual vemos facilmente a estreiteza. Podemos ver a pouca amplitude que separa os dois pólos. Cada "pró" coloca em cena um "contra", cada ilusão traz uma decepção, e todas as ilusões reunidas são como as expressões cambiantes de um mesmo rosto.

Todas as experiências concorrem para o desenvolvimento da consciência. A confluência do tempo e da eternidade faz supor um novo encadea-

mento. Voltando para a essência, para a fonte do tempo, o viajante se mantém no umbral do tempo exterior. Agora que o livro oculto foi escrito, o tempo toma todo o seu sentido. Foi a própria vida que escreveu o livro, com a idéia vivente que está detrás de todas as coisas. Nesse processo, há muitos estágios intermediários que correspondem a elementos dessa idéia. A consciência purificada, a nova alma, desperta para um nível superior a idéia que é inapreensível.

Uma nova dimensão do tempo

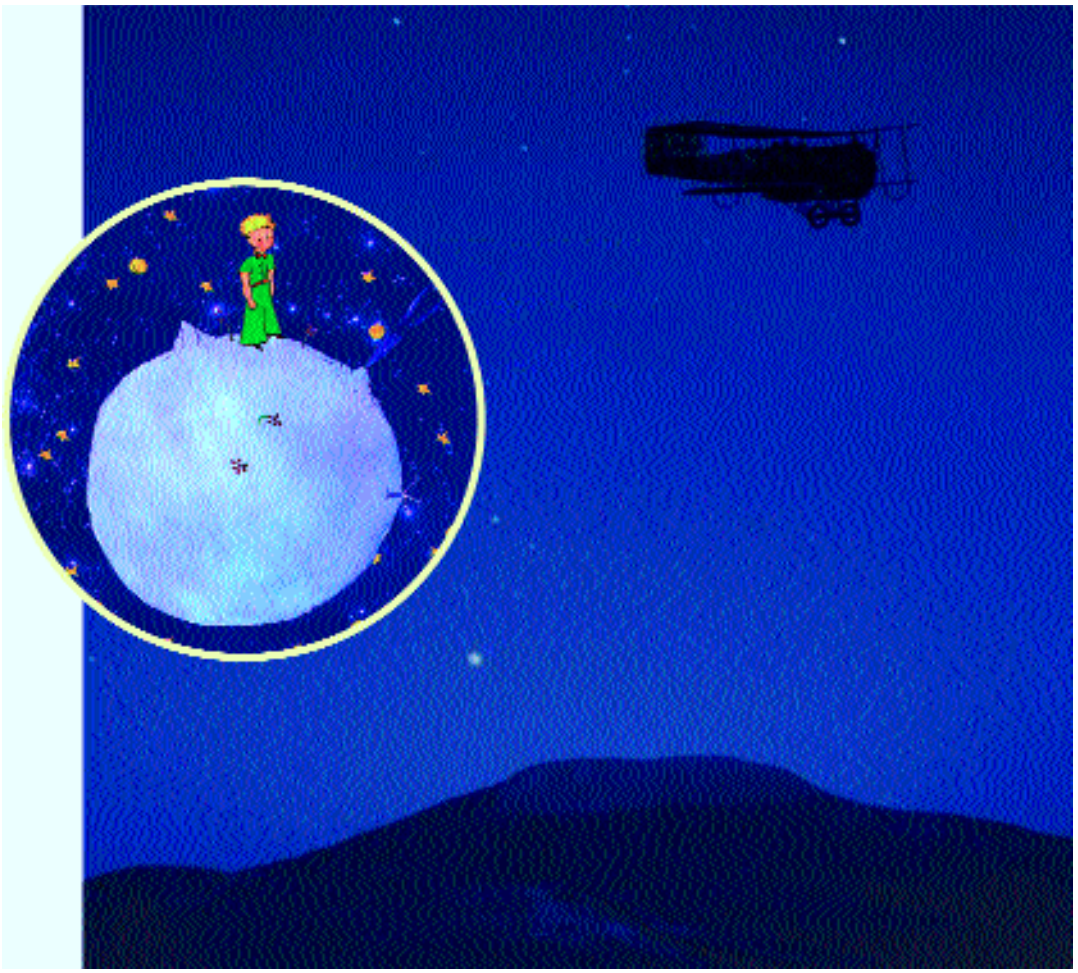
Marcel Proust descobriu uma nova dimensão do tempo, o instante irrompido (ou *le Temps* com maiúscula!), o tempo que sempre esteve presente nele. A ligação entre passado, presente e futuro é posta de lado, porque o tempo supostamente perdido está e vive no eterno "agora", sempre vivente, porém sempre oculto sob uma débil existência aparente. Aquele que continua a procurar essa existência aparente perde seu tempo, desperdiça-o. A morte, tão temida até então, perde seu sentido à luz do "tempo puro". Mesmo assim, continua o desejo de morrer, como o grão na terra, para que a planta possa viver. É preciso que a compreensão leve ao silêncio, ela que foi falseada pelo livro interior – a edição original – a fim de que o coração purificado e aberto assuma a direção.

Somente quando abandonamos a antiga vontade é que entramos no estado de alma vivente, na quarta dimensão; o sexto sentido desperta, a intuição se concentra na vontade universal, que se tornou una com o pensamento macrocósmico, a oniconsciência. A memória espontânea se harmoniza com a memória intencional. Uma nova orientação do entendimento permite a ativação do verdadeiro pensamento: o sétimo sentido.

Doravante, o artesão, em sua incansável construção, pode alcançar, direta e imediatamente, a expressão de "uma nova realidade" que se reflete no grande espelho do Espírito.

Fonte:
Proust, M., *À la recherche du temps perdu*. Paris: Bibliothèque de la Pléiade, 1987-1989. 4 tomos.

Tudo que podemos aprender no deserto



Hoje em dia é possível fazer uma viagem organizada pelo deserto. Geralmente as pessoas voltam de lá entusiasmadas. Desertos são lugares onde predomina uma atmosfera muito específica. Podemos ser fortemente mudados por tal viagem. Lá encontramos o sentido da relatividade das coisas e da verdadeira razão da vida.

No entanto, alguns vivenciaram o deserto sem tê-lo desejado de modo algum. Um dia, eles se encontraram encalhados num deserto, desprovidos de água, ignorantes dos meios de sobrevivência sob circunstâncias severas, privados de beduínos que pudessem socorrê-los.

Até aquele momento, essas pessoas tinham levado, como todas as outras, uma vida com altos e baixos, escalando montanhas interiores e atravessando vales profundos.

Se havia um lugar que eles não buscavam era exatamente o deserto. E, no entanto, era lá que estavam: a paisagem, inicialmente uma visão cativante, torna-se desnuda e morta; uma luz implacável assola extensões infindas.

Um frio gélido sucede a um calor tórrido. Aquilo que fora buscado com entusiasmo e parecia um quadro maravilhoso prova ser somente uma miragem.

Essa percepção relativa ao deserto é análoga à fase da vida em que o microcosmo está saturado de experiências acumuladas por todas as personalidades que, no decorrer de períodos inconcebivelmente longos, deixaram seus rastros. Toda espécie de quimera foi perseguida, belas e menos belas. E, de repente, elas desapareceram. Quem reconhece uma miragem como tal não a segue mais.

Geralmente os habitantes do deserto não vivem em seu interior, mas nos vales férteis, no sopé de cumes resplandecentes. O viajante extraviado, ele sim, encontra-se completamente só em meio às areias que lhe correm entre os dedos.

O que fazer então, quando, consumido pela sede, é preciso encontrar água, alimento, abrigo? Onde procurá-los? Não há um caminho que leve a eles, e todas as regras ficaram agora desprovidas de sentido.

Privado de qualquer sinal, o viajante olha à sua volta. É o olhar de alguém que procura auxílio interior... E o milagre acontece: ele recebe ajuda. Na fria noite do deserto, o viajante nota que a cintilação das estrelas é mais pura do que nunca e que pode se orientar por elas. Ele descobre pontos de água e encontra beduínos que o auxiliam. A partir de seu interior ele encontra, no exterior, aquilo de que precisava. Seus amigos de outrora já não o compreendem, pois eles não atravessaram o deserto. Mas ele vai encontrar outras pessoas, que passaram pela mesma experiência no decorrer de sua vida, segundo a lei "semelhante atrai semelhante".

O essencial é invisível

Antoine de Saint-Exupéry, o autor de *O pequeno príncipe*[1], faz seu protagonista dizer: "O essencial é invisível aos olhos". Mas os olhos são cegos, "só vemos bem com o coração". Só podemos ver com o coração? Como pode alguém ver com o coração?

Assim como os outros sentidos, o olho registra uma impressão do mundo circundante. O exterior se torna interior. Os sentidos são portas; o coração e a cabeça são caixas de ressonância. Isso significa que os sentidos estão, portanto, em íntima relação com o entendimento e as emoções. Poderíamos comparar os sentidos com antenas, o coração e a cabeça como telas de projeção nos quais a imagem é recebida e depois transmitida. Por isso podemos dizer que vemos com o coração.

O coração é considerado a sede dos sentimentos. Por meio do coração sentimos felicidade, alegria e desejo. Mas também pesar, tristeza, solidão. Ele é o foco de nossas aspirações, de nossos desejos e de nossas emoções. Pode o coração ver distintamente quando está inundado de alegria e de tristeza, ou transbordante de desejos insaciados?

No decorrer de sua narrativa, Saint-Exupéry muda com freqüência seu nível de observação. Quando descreve uma situação banal ou um evento, ele nos leva a uma outra dimensão, onde vemos as coisas com um novo olhar.

O narrador e o pequeno príncipe estão no deserto, o deserto da vida. Depois do acidente de avião nas areias, o piloto olha à sua volta com uma nova acuidade. Não sabemos exatamente o que aconteceu, mas

Ilustração de Saint-Exupéry, *O pequeno príncipe*.



Em 1994, os correios franceses editaram um selo em homenagem ao autor do seu mais popular livro infantil.

sua aterrissagem forçada o impressionou grandemente. A solidão do deserto intensifica sua vida interior. Ele ouve uma voz doce, a voz suave de uma cândida criança, um pequeno príncipe de coração puro, que fala do planeta e da flor que deixou para trás.

O conto é uma expressão da poesia universal, a mesma linguagem que fala sobre o naufrágio da existência, a aterrissagem forçada que leva ao silêncio da solidão. No silêncio da solidão podemos perceber o fraco murmúrio da eternidade: a vibração quase inaudível, onipresente, onisciente e que contém tudo. Ela é a força de germinação da semente divina que o nome e a voz do pequeno príncipe personificam. Numa linguagem quase poética, Saint-Exupéry descreve o crescimento dessa flor extraordinária que cresce no planeta do pequeno príncipe: "… mas a flor não acabava mais de preparar-se, de preparar sua beleza, no seu verde aposento. Escolhia as cores com cuidado. Vestia-se lentamente, ajustava uma a uma suas pétalas. Não queria sair, como os cravos, amarrotada. No radioso esplendor da sua beleza é que ela queria aparecer".

E o pequeno príncipe ajuda-a a desabrochar. Numa situação crítica, no silêncio e na solidão do deserto, uma tal imagem pode surgir como uma reminiscência profundamente arraigada. O pequeno príncipe é o intérprete da ressonância da natureza divina original. E o homem é uma estrela no firmamento divino da vida.

O silêncio salutar

Todas essas coisas são invisíveis aos nossos olhos exteriores. Elas se projetam no coração e são vistas pela alma quando seu olho está calmo. Por isso é dito: "Sede silenciosos".

A respeito disso J. van. Rijckenborgh escreveu em *A arquignosis egípcia*: "estar silencioso refere-se a um determinado estado do coração", quando o coração se tornou como um mar calmo, sua superfície lisa reflete as impressões divinas que lhe chegam e as reenvia para a cabeça. Assim colaboram o coração e cabeça. [...] Se o coração está cheio de medo e dividido, o organismo sensorial trabalha de modo absolutamente impreciso e desregrado. Então será impossível ver e avaliar pessoas e coisas com clareza".[2]

Comparar o coração com o mar é comovente. Comparar o movimento da alma com ondas que se formam sem cessar. Exatamente como o pensamento que nunca encontra repouso e nunca realmente está imóvel. O esplendor da imagem divina, segundo a qual nós fomos criados, brilha como o sol acima do mar; seu reflexo se divide em miríades de centelhas, mas jamais alcança as profundezas enquanto há a menor agitação. Então, "sede silenciosos".

Na calma e no silêncio, o coração se torna um olho que vê realmente. Mas ele não vê as mesmas coisas que nossos olhos de carne. São as radiações divinas que tornam visível a imagem do divino em nós. Uma vibração de luz transmutada se revela a nós. Essa é a oferenda de Cristo que chama o homem e o auxilia a cada passo.

Como apaziguar o mar? Como entrar no silêncio do coração? Pela rendição, voltando-se para a luz divina, o

sol divino, e deixando os remoinhos do campo de vida terrestre pelo que eles são. Além da atração e da repulsão, há um outro aspecto no homem: a neutralidade, a abertura, que não gera nenhum encadeamento de causa e efeito. A solução não consiste em manter o equilíbrio entre os dois aspectos da personalidade, mas em escolher o terceiro. Essa é a grande mudança!

Uma nova estrutura de linhas de força aparece; a idéia divina se torna uma realidade vivente. A semente no coração desabrocha numa rosa, pois ela já continha a flor. A germinação desenvolve-se segundo essa estrutura, mas é preciso oferecer-lhe espaço.

Essa é a verdade à qual o pequeno príncipe nos remete: "Os homens... cultivam cinco mil rosas num mesmo jardim... e não encontram o que procuram... E, no entanto, o que eles buscam poderia ser achado numa só rosa... Mas os olhos são cegos. É preciso buscar com o coração".

1 SAINT-EXUPÉRY, A. d.,
O pequeno príncipe. 48 ed, 17 impressão. Rio de Janeiro: Agir, 2005.
2 RIJCKENBORGH, J. v.,
A arquignosis egípcia, 1a ed, São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, 1984, t.1, capítulo XXIX, p. 268, 269.



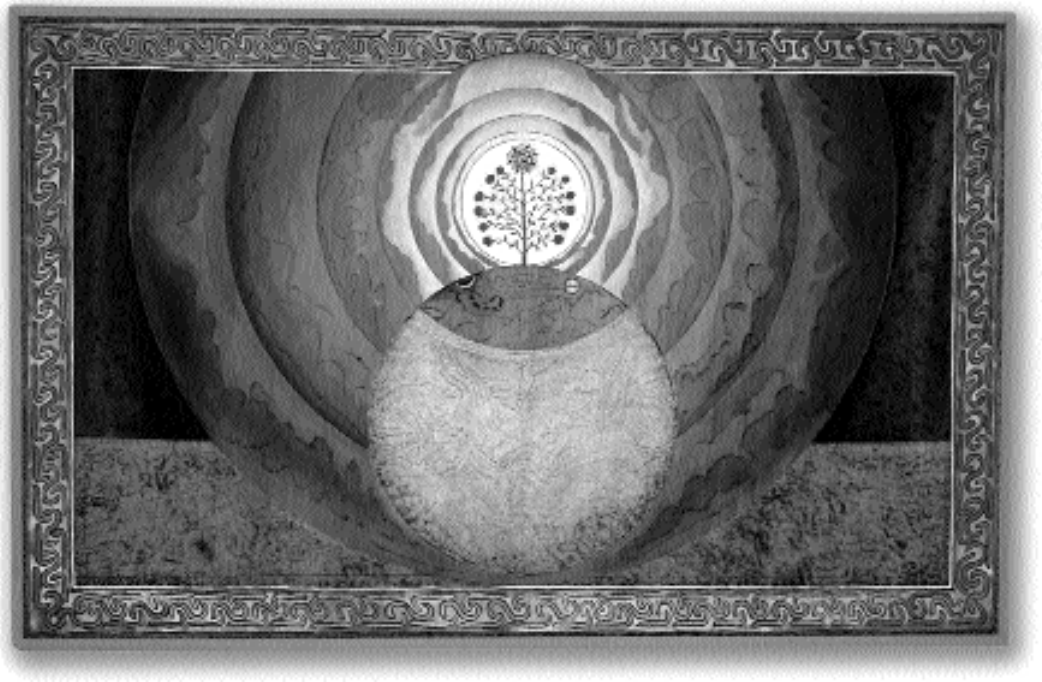
No coração do deserto de Gobi

A metáfora do deserto tem outro alcance. Em seu livro A Fraternidade de Shamballa, J. van Rijckenborgh explica que a Fraternidade de Shamballa se mantém no coração do deserto de Gobi como sobre uma ilha inviolável no oceano do mundo, protegida por forças que não permitem a entrada de pessoas não-autorizadas. Desse lugar, que pode ser indicado geograficamente, provêm para o mundo impulsos e auxílios em forma de radiações invisíveis.
É impossível alcançar Shamballa com a vontade pessoal. É preciso atravessar o próprio deserto interior, pela endura, pôr um fim à vontade egocêntrica, entregar-se à vontade de Deus, que conduz às portas do Reino no coração e, ao mesmo tempo, ao coração do Gobi. A aproximação se efetua graças à purificação e à submissão à meta sagrada.
O coração é uma ilha irradiante, um lugar onde são recebidos os impulsos e as inspirações da luz que irradiam no ser inteiro e emanam de nós com a condição de que não as obstaculizemos. Devemos nos submeter a elas totalmente em um processo de perecimento do eu: uma capitulação voluntária, pela qual o homem verdadeiro pode surgir novamente. Tal como a rosa de Jericó, uma verdadeira flor do deserto, que pode permanecer muito tempo sem receber água, com a aparência de uma planta feia e inanimada, mas que desabrocha com a primeira gota de chuva. Seu nome científico significa: que revive pela umidade, portanto, renascimento. Aquele que de repente compreende que está num deserto não está longe da verdadeira vida, como pode lhe parecer, mas está perto do desabrochar da rosa e da vida desejada por Deus. Assim também é o deserto cheio de simbolismo, milagres e possibilidades.
Bibliografia

RIJCKENBORGH, J. v. e PETRI, C. d.,
A Fraternidade de Shamballa. 2a edição. São Paulo; Lectorium Rosicrucianum, 1982.

A via íngreme

Hermes e Espinosa: O Coração e a Razão



"Quando a experiência me ensinou que todos os eventos comuns da vida são vãos e fúteis, vendo que tudo o que, para mim, era causa ou objeto de temor não continha nada de bom nem de mal em si, mas na única medida em que a alma fora comovida, decidi finalmente pesquisar se não existia um bem verdadeiro e que pudesse se comunicar, algo cuja descoberta e aquisição me procuraria para a eternidade o gozo de uma alegria suprema e incessante..."

Assim inicia Espinosa em seu *Tratado sobre a reforma da razão*. Em seguida, ele pondera em seu Coração (o coração purificado, o *Nous*, a alma-espírito) sobre a possibilidade de uma nova organização da vida. Em sua introdução, ele apóia suas considerações nas reflexões de seu Coração para ir em defesa "do amor de algo eterno e infinito", porque o amor da alma leva à alegria e desconhece a tristeza.

A eternidade e o infinito são também como Espinosa define Deus, definição que ele salienta em sua *Ética*, onde fala do "infinito absoluto ou perfeito ser". Ele afirma que o fato de atribuir a Deus mãos, pés, olhos, ouvidos, assim como a faculdade de mudar de lugar, é uma forma imprópria de falar sobre Ele, mesmo que seja em um livro de sabedoria!

O amor, para o infinito absoluto ou perfeito ser, que é a eternidade, é servido pela "razão" pura e pelo mental puro, de acordo com Espinosa. Então, a alma será preenchida apenas por sentimentos de alegria e de anseio. Essa é uma notável associação entre a razão – como mentalidade pura – e o amor. Na verdade, ele nos esclarece, podemos manifestar o amor de Deus

somente com o terceiro aspecto do conhecimento, o poder supremo da Razão.

O papel do Coração

O Coração desempenha, portanto, um papel importante: não somente é possível nos aconselharmos através dele como ele nos faz refletir; o Coração é o centro a partir do qual aprendemos a obedecer a Deus. Espinosa fala de um consentimento necessário do Coração para obedecer a Deus em justiça e amor. A liberdade de expressão e a diversidade de opiniões estão a serviço do amor, sendo o Coração o instrumento de verificação de toda doutrina. A liberdade da razão e da ação constitui o ponto de partida da obediência a Deus.

"Cada um é... preso a essas doutrinas da fé para assimilá-las com sua compreensão e interpretá-las para si mesmo, para que encontre a mais confortável, para poder aceitá-la, sem uma dúvida sequer, porém com o total assentimento do coração, de modo que ele obedeça a Deus com a total adesão do coração." O Coração é, portanto, o instrumento pelo qual compreendemos a Deus e obedecemos a Ele, e a Razão, o instrumento pelo qual O amamos. Evidentemente, um não pode existir sem o outro, pois são pólos da mesma "mônada".

O Coração, no hermetismo

Segundo Hermes, o Coração está encerrado em Pimandro. Ele é o ser que é por si mesmo. Quando refletiu sobre o essencial, o Coração tem um papel muito importante no processo de aprendizado.

Hermes descreve o processo no qual os sentidos físicos são deixados para segundo plano e o Coração, Pimandro, se revela na glória do dispensador do conhecimento do mundo da Luz. No versículo dezenove, Pimandro diz a Hermes: "Dirige agora o teu coração para a Luz e conhece-A".

A intervenção de Pimandro tem conseqüências incríveis, pois imediatamente Hermes constata: "...vi, em meu *Nous*, como a Luz, composta de inumeráveis potências, converteu-se num mundo realmente ilimitado, enquanto o fogo era cercado e dominado por uma força muito poderosa e, assim, posto em equilíbrio".

Vemos que para Hermes todos os sentidos físicos adormecem como condição para um novo começo, enquanto para Espinosa isso acontece por causa do entendimento profundo que ele adquiriu após reflexão sobre a futilidade da existência. Ele se distancia do mundo, de sua honra e dos prazeres sensuais, pelo fato de as alegrias trazidas por esses três freqüentemente se transformarem em aflição.

Para aproximar-se dessa "infinita alegria" é necessário já não amar o que é transitório. Esse amor só causa disputas, ódio, ciúme, temor, decepção, pesar e outras "emoções".

Somente então Espinosa orienta seu amor para a eternidade e o infinito; e logo constata que "não consegue expulsar toda a cobiça, sensualidade e ambição", e apesar de "no início os momentos [de reflexão consoladora] serem raros e fugidios, na medida em que eu aprendia mais e mais seu verdadeiro ensinamento, eles se tornaram mais freqüentes e duradouros".

Para ele, Deus não é o criador todo-poderoso que formou o mundo a partir do nada. Ele não é o ser que traça os planos, tem objetivos, toma decisões, como uma providência que

A vida universal sétupla. Hugues Coutin, pintura sobre madeira.



Baruch de Spinoza. Gravura anônima do século XVIII.

rege a natureza ou que cuida dos homens. O mundo não é o produto de uma decisão divina de criação. Deus, de acordo com Espinosa, é uma realidade infinita de onde fluem, segundo leis internas, todas as formas de existência; a expansão, ou tudo que o espaço contém, pertence à essência de Deus. Espinosa sabia que se distanciava das idéias geralmente admitidas, exceto das baseadas na filosofia hermética. Em uma carta dirigida ao secretário da Sociedade Real de Ciências de Londres, ele escreveu: "Eu declaro que alimento em relação a Deus e à natureza uma opinião muito diferente daquela que defendem os cristãos de meu tempo".

Deus não cuida das pessoas; é impossível para Espinosa. Deus não é uma pessoa. Não seria correto pensar que Deus tem mãos e seria absurdo orar e implorar a Deus em prol do próprio interesse ou para um adiantamento pessoal, pois um Deus que responda isso não existe. Espinosa pensa que o egoísmo não torna a pessoa feliz: "Só estar ocupado consigo mesmo não traz felicidade", porque é algo contrário à felicidade verdadeira. Contudo, podemos amar a Deus e construir uma relação íntima com Ele. Como Hermes, ele pensa que a orientação deve vir do interior, em conformidade com a vontade de Deus.

A alma afogada

Em um texto hermético, encontra-se esta explicação: "Nos seres sem razão, o coração é a natureza". Por natureza entende-se tudo o que se relaciona com as "paixões" físicas e psíquicas, ou, como eram chamadas no século XVII, as "emoções" e os "sentimentos", pelas quais a alma recebe imediatamente tudo o que é velho quando eles penetram o corpo. Ela é atormentada pela cobiça e pela dor que correm como a lava, onde afunda e se afoga. Encontramos a mesma imagem no *Corpus Hermeticum* traduzido no século XVII conforme segue: "A alma se afoga nos fluidos vitais".

Na época de Espinosa, a palavra "prazer" era compreendida com objetividade; não era ainda estigmatizada pela moral burguesa. O prazer era considerado como pertencente ao plano natural, a ser incluído no grupo das paixões.

Espinosa não menciona diferentes ordens de natureza, porque Deus inclui a natureza em Si mesmo. O filósofo examina com uma lupa as paixões e as emoções, entre as quais o prazer e o apego aos sentidos, e as disseca com precisão cirúrgica. Ele vê a natureza humana como um campo de forças antagônicas. Esse campo de tensão, que encerra os centros da afe-

tividade, das emoções e dos desejos, é predominante, e a razão tem pouco domínio sobre ele.

Esse é nosso estado natural. Vemos a força dos sentimentos e dos desejos manifestar-se ao longo da história humana, mas também exercer-se no homem, em um nível mais profundo. Tudo isso é coberto pelo conceito "prazer".

Os castigos pelas paixões humanas segundo Hermes

No livro XIV de Hermes, *Discurso secreto sobre o monte*, Tat faz a pergunta: "Tenho, então, em mim, motivos para ser castigado, Pai?" À qual Hermes responde: "Não poucos, meu filho, assustadores e numerosos!" "Eu não os conheço, Pai".

"Essa ignorância é, ela mesma, o primeiro castigo, meu filho; o segundo é dor e aflição; o terceiro, incontinência; o quarto, desejo; o quinto, injustiça; o sexto, ganância; o sétimo, engano; o oitavo, inveja; o nono, astúcia; o décimo, cólera; o décimo primeiro, irreflexão; o décimo segundo, maldade. Esses castigos são doze em número, porém entre esses há numerosos outros que, mediante a prisão do corpo, pela natureza forçam o homem a sofrer pelas atividades dos sentidos."

A sabedoria de Hermes liga intimamente o sofrimento à sujeição pelas percepções sensoriais e pelas paixões negativas. Quanto a Espinosa, ele explica a maneira pela qual o homem, sob o domínio das emoções negativas, só sabe dar-lhes livre curso. O fato de ser acorrentado às percepções sensoriais é um entrave ao saber supremo, ao exercício da razão, que é a passagem obrigatória do acesso à liberdade. Somente o saber supremo, a Razão, permite sentir a felicidade das aspirações superiores: "a alegria marca a passagem do estado de fraqueza comum ao da realização superior", explica o filósofo em sua segunda definição das emoções.

Ele mesmo se regozija muito pelo fato de a religião fundamentada na razão seguramente conduzir à verdadeira iluminação. Ele demonstra que quem alcança conscientemente um nível aceitável de razão e de moral está em condição de experimentar o supremo anseio e a suprema alegria.

Vivendo da razão

Espinosa não situa o ser humano no mesmo lugar que Hermes. Este último diz: "O *Nous* está em Deus, a razão está no homem. A razão está no *Nous* e o *Nous* é insensível ao sofrimento". Para o pensador holandês, o homem não existe independentemente do Outro, da natureza, isto é de Deus. Ele é alicerçado nesse Outro. O conhecimento supremo decorre da razão, por meio da qual Deus estabelece um contato com o homem.

Espinosa não tem em grande estima as pessoas que não são regidas pela razão, que só apreendem o mundo pelas suas percepções sensoriais e cuja alma dolente está sujeita às paixões e às emoções. É preciso, contudo, fazer distinção entre emoções e sentimentos. O neurologista americano Antonio Damásio disse recentemente: "As emoções podem nos levar ao crime, enquanto os sentimentos nos protegem deles". Para esses homens, Espinosa vê, apesar de tudo, uma nova perspectiva, a da "via íngreme" como ele a chama: podemos voltar a subir a escarpa, vivendo segundo a razão, pelo conhecimento que permite adorar a Deus em verdade.

Mas, para isso, é preciso renunciar à cultura das emoções que, há milênios, mantém as civilizações sob seu jugo: já não se deixar governar por angústia, medo, cólera, ambição, vingança, ciúme; aliviar a alma desses pesos que a afastam de sua missão; purificar o coração segundo o conselho de Hermes, mantendo-se "no centro para obedecer a Deus".

Assim, é preciso se afastar de reflexões do tipo: "Afinal, a cólera não é algo tão mau... É preciso de vez em quando mostrar os dentes; não é bom reprimir as emoções".

Fora o fato de que a repressão das emoções pode ter efeitos nocivos, vemos hoje cada vez mais a tendência à exteriorização. O que leva a pensar que a repressão pode ser, às vezes, uma reação positiva e salutar.

Não são somente as aranhas e os escorpiões que secretam veneno. A cólera também destila veneno. Não dizem: "Fiquei tão envenenado com tudo..."? O veneno da cólera danifica as estruturas sutis do Coração, desse lugar central onde podemos ouvir a Deus. Muitas catástrofes no mundo são causadas por pessoas persuadidas de que é uma cólera santa que os anima e os autoriza a cometer crimes. Se existe algo que não é santo, ou que não torna santo, é a cólera. Hermes dá, em relação a essa questão, a mais importante chave para a imortalidade: "Nunca mais se irar". Espinosa, igualmente, considera a cólera como uma emoção especialmente negativa que leva ao ódio e prejudica os outros.

A mudança fundamental é a própria ligação com a razão

Como empreender a mudança fundamental? Como Espinosa vê a ascensão da via íngreme? Como proceder a uma purificação interior?

Na proposição 37 da Ética (4ª parte), ele diz: "O bem que alguém que pratica a virtude deseja para si mesmo, desejará também para os outros homens, e mais ainda por ter ele um maior conhecimento de Deus". O elemento decisivo situa-se na vida cotidiana. O centro em torno do qual nossa vida se organiza é determinante para a alma, para sua ligação espiritual potencial e para a supressão dos obstáculos no caminho íngreme a ser percorrido.

A razão e as más emoções excluem-se mutuamente

O ponto de partida está no pensamento e no seu raciocínio, segundo a lógica rigorosa de Espinosa. O sábio não deixa sua paz interior ser perturbada por nada; ele permanece em perfeita serenidade. Quanto mais se deixa governar pela razão, mais suas emoções são estáveis e sem mistura. Ao passo que o homem que se deixa dominar pelas emoções priva-se totalmente do exercício de sua razão.

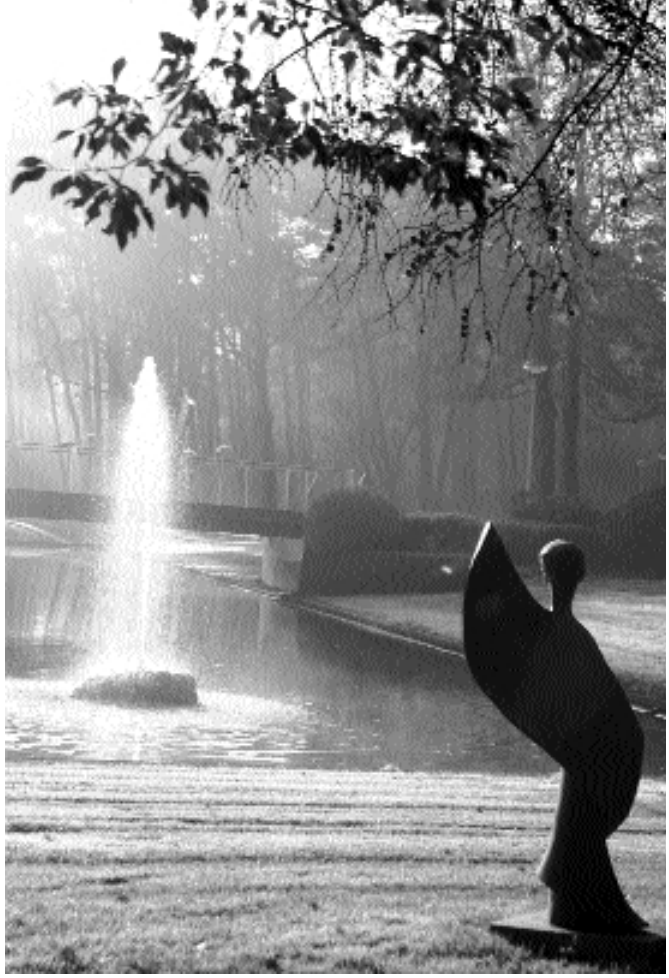
O filósofo é categórico: o que ele afirma é demonstrável. Sua visão clara e seu estímulo para a ação compelem a escapar do jugo das paixões e do sofrimento. Como dar o próximo passo nesse caminho difícil? Como manifestar seu amor a Deus e a seu próximo?

Sua posição é inequívoca: Espinosa preconiza um caminho altamente religioso e cristão.

Na *Ética*, Espinosa consagra o capítulo intitulado "Do poder da razão ou da liberdade humana" a demonstrar o poder que a razão exerce sobre as emoções do coração. No entanto, permanece a questão de saber

como sair da sujeição às emoções quando não se é governado pela razão. Como aquele que está incessantemente dominado por suas emoções pode encontrar a força para se libertar das paixões? No capítulo "Da servidão humana", Espinosa explica que o poder do homem é extremamente limitado e sempre inundado pela influência das coisas exteriores.

Basta ver como, em nossos dias, esses estados de alma nos impedem de progredir interiormente em direção ao homem verdadeiro, em direção ao estado de sabedoria ideal descrito por Espinosa. No momento atual, os progressos tecnológicos fornecem muitos meios de escravização e de dominação do homem pelas "coisas exteriores".



A fonte e a escultura (O. Schouten) próximas ao templo de Noverosa. Foto Pentagrama

A compreensão é a verdadeira panacéia

O único remédio para curar as paixões é ter delas uma "idéia clara e justa", uma justa compreensão, uma vez que o espírito não tem outro poder senão o pensamento e a formação de representações adequadas (proposição 3, *Do poder da razão*).

A verdadeira compreensão é, portanto, a panacéia, asserção que encontra sua origem no hermetismo. Para Hermes, a compreensão também tem ligação com a fé: "Porque compreender verdadeiramente é possuir fé vivente, enquanto a ausência de fé é ausência de compreensão" (livro 11, versículo 25, *Sobre a mente e os sentidos*).

Neste século XXI, gostaríamos, apesar de tudo, depois desse excelente remédio prescrito por Espinosa, de receber mais alguns conselhos de ordem prática. Como fazer então, quando sofremos as doenças da alma, para passar sob o reino da razão como um autêntico sábio? Porque a sujeição às emoções ou sua repressão são condutas que servem apenas para piorar o campo de tensão entre a razão e as paixões. Entregar-se à ira e à cobiça mais ainda, explicam Hermes e Espinosa. Na segunda metade do século XX assistimos a busca dos prazeres sensuais e o extravasamento das baixas emoções desempenharem seu papel na evolução da consciência humana.

Com o risco de ser acusado de imoralidade, ninguém ousou inscrever-se na linhagem de Espinosa e de Pitágoras. Não deixaram, assim, passar uma oportunidade de construir a alma?

O principal obstáculo ao desenvolvimento espiritual é a falta de conhecimento, diz Hermes. Ele impede de viver segundo a razão, diz Espinosa, que inclui a vida segundo a razão no número de emoções positivas; aspira-

ção e alegria andam lado a lado com a razão na perspectiva da eternidade. *Sub specie æternitatis*.

Superstição, ilusão, imagem romântica? O conceito de eternidade ultrapassa nosso entendimento e exige algo que provém do outro lado do tempo. O momento presente, intangível, dá lugar a forças que não são deste mundo.

A cratera de Hermes

O presente é uma cratera de energia e de forças divinas. Hermes (Tot), representado nos túmulos egípcios, é o mensageiro encarregado de anunciar aos homens a boa nova: "mergulhai nessa cratera, vós, almas que o podeis... vós que sabeis para que finalidade fostes criados... Deus quis que a ligação com o Espírito estivesse dentro do alcance de todas as almas, como prêmio da corrida".

Considerar as coisas na luz da eternidade significa que a alma está ligada ao Espírito. Em cada um, o exercício da razão leva a esse resultado. É preciso somente ter a coragem de aplicar-se a isso. O anseio e a alegria determinam a nota fundamental da alma, o que produz essa coragem. O momento presente contém a possibilidade de, com a cooperação de nosso mais puro desejo, contemplar um brilho da eternidade.

É preciso ter a coragem de aceitar a eternidade. Não como um clichê romântico, mas como o princípio latente e puro da vida do Outro em nós, o Outro que é divino. Hermes: "...se o espaço universal é objeto de nosso pensamento, não pensamos nele como espaço, mas como Deus; e se pensamos no espaço como Deus, ele já não é mais espaço no sentido comum da palavra, mas sim a força ativa de Deus, que tudo encerra." (*Corpus Hermeticum*, 6º livro).

Nesse universo respira a eternidade-em-nós. Assim vivemos segundo a razão. O anseio e o desejo puros, o pensamento abstrato autêntico e o ato libertador testemunham no homem de uma existência cada vez mais perfeita.

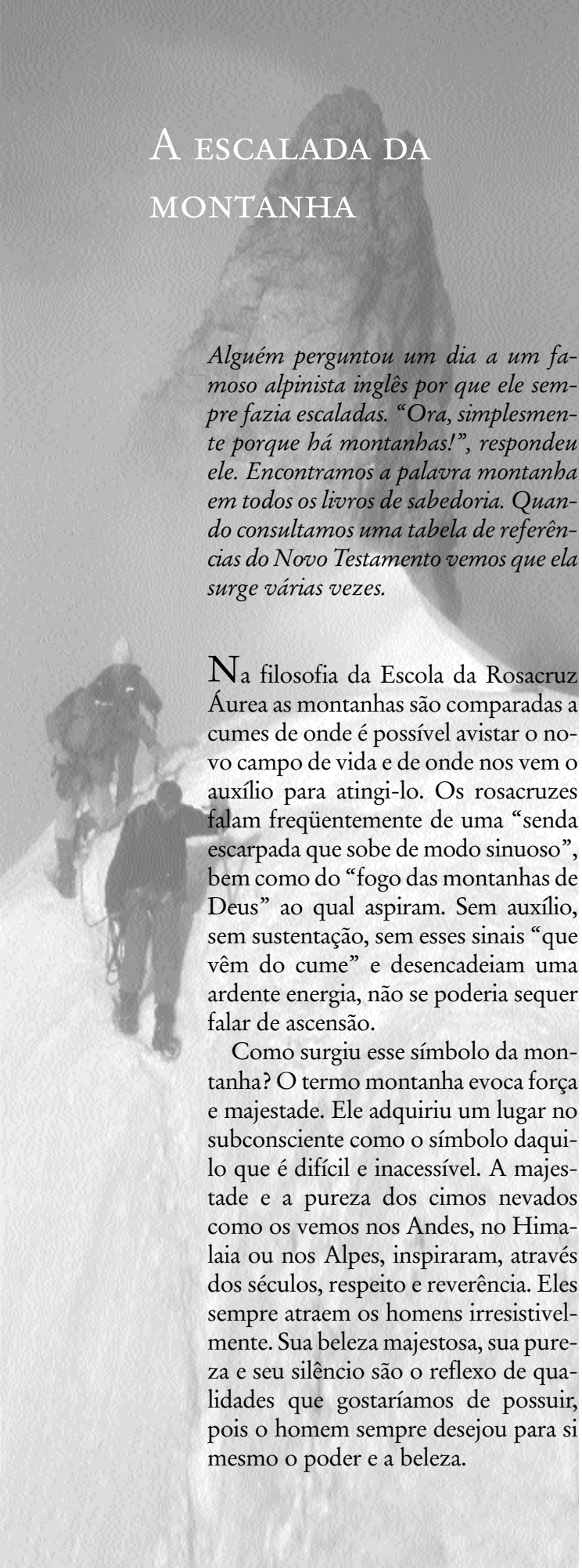
A energia da mônada foi reanimada e o microcosmo se desdobra em toda sua estatura original.

Bibliografia:

SPINOZA, B. d., *Traité de la Réforme de l'entendement, L'Ethique*. Bibliothèque de la Pléïade, Editions Gallimard, 1985.
DAMASIO, A. R., *The Feeling of What Happens: body and emotion in the making of consciousness*. Harvest, 2000.
RIJCKENBORGH, J. v., *A arquignosis egípcia e seu chamado no eterno presente*. São Paulo: Lectorium Rosicrucianum, t.1-4, 1984, 1986, 1989, 1991.

A escalada da montanha

Alguém perguntou um dia a um famoso alpinista inglês por que ele sempre fazia escaladas. "Ora, simplesmente porque há montanhas!", respondeu ele. Encontramos a palavra montanha em todos os livros de sabedoria. Quando consultamos uma tabela de referências do Novo Testamento vemos que ela surge várias vezes.



Na filosofia da Escola da Rosacruz Áurea as montanhas são comparadas a cumes de onde é possível avistar o novo campo de vida e de onde nos vem o auxílio para atingi-lo. Os rosacruzes falam freqüentemente de uma "senda escarpada que sobe de modo sinuoso", bem como do "fogo das montanhas de Deus" ao qual aspiram. Sem auxílio, sem sustentação, sem esses sinais "que vêm do cume" e desencadeiam uma ardente energia, não se poderia sequer falar de ascensão.

Como surgiu esse símbolo da montanha? O termo montanha evoca força e majestade. Ele adquiriu um lugar no subconsciente como o símbolo daquilo que é difícil e inacessível. A majestade e a pureza dos cimos nevados como os vemos nos Andes, no Himalaia ou nos Alpes, inspiraram, através dos séculos, respeito e reverência. Eles sempre atraem os homens irresistivelmente. Sua beleza majestosa, sua pureza e seu silêncio são o reflexo de qualidades que gostaríamos de possuir, pois o homem sempre desejou para si mesmo o poder e a beleza.

O desejo por algo mais elevado, por uma via que leva ao alto, reflete-se em todos os aspectos de nossa vida. A criancinha que se pauta pela vida dos adultos deseja ficar em pé para caminhar e se tornar grande como eles. É primeiro no plano físico que ele quer "se elevar". Mais tarde, esse impulso se transforma em desejo de erguer-se profissional e socialmente, elevar-se em direção a maior compreensão e poder.
Este é um fenômeno universal. Cada um percebe um impulso interior que o impele a transcender a vida costumeira; como a planta que se orienta para o sol e a luz. O homem gostaria de escapar da lengalenga cotidiana que o sufoca. Assim que chega a um limite, onde todo esforço exterior é vão, ele pode encontrar um caminho interior e começar uma "escalada da montanha" totalmente interior. A pergunta se apresenta, então: como encontrar a montanha, umbigo do mundo e permanência de Deus?

Aquele que se lança a escalar uma montanha sai sensivelmente de sua rotina. Que ele preste atenção à seguinte sentença, jóia do mundo dos escaladores: "Quem quer fazer uma ascensão deve levantar cedo, deixar suas preocupações para trás, não se sobrecarregar, andar de modo regular e saber olhar para frente."

O que é necessário

O buscador sabe: escalar uma montanha é vencer a si mesmo, pelo menos esforçar-se para isso. Existe a fase preparatória onde não sabemos ainda o que nos espera. Só sabemos uma coisa: é preciso nos prepararmos. E nos indagamos: o que vamos levar ou não? De que precisamos nessas alturas desconhecidas. Isso também exige de nós que nos sintonizemos minuciosamente com aquilo que há de mais profundo em nós! Lá, nosso binóculo deve ser complementado por uma boa bús-

sola. Que sorte se encontramos um mapa e conseguimos lê-lo. Encontramos nossos companheiros de viagem e, com o auxílio da bússola, determinamos a direção.

Alguns escaladores procuram a segurança e se cercam com todos os mapas possíveis, mas ei-los logo perdidos em um lugar que não consta nos mapas. Então, tende sempre um mapa como ponto de partida, porém um mapa que indique o relevo. A maioria dos mapas permanece confusa nessa questão, exatamente como aqueles que os confeccionam. Eles param nos primeiros aclives e representam em branco os altos cumes cobertos de neve – sem relevo – justamente lá onde as diferenças de altitude são as mais consideráveis. Os mapas só são realmente exatos em baixa altitude, nos vales.

Porém, há ainda mais. Pensemos, por exemplo, nos óculos para a neve, nos calçados impermeáveis, nas garras, no bastão de caminhada. Tantos preparativos que exigem o autoconhecimento: o conhecimento de todas as ligações que podem ser obstáculos até antes da partida.

"Elevar os olhos para os montes de onde virá o socorro" corresponde a determinado estado psicológico que impele o aluno a empreender a escalada. Compreensão e conhecimento fizeram-no ver a miséria de seu estado: o único ponto de partida possível para empreender a ascensão. Se ele persiste, sente uma força salutar que faz que vença todos os obstáculos. O saco que ele carrega nas costas torna-se pouco a pouco mais leve e, na medida de sua evolução, as forças da nova alma se tornam cada vez mais poderosas. Uma clareza que jamais provara faz que ele lance um novo olhar sobre o mundo, e esta nova perspectiva lhe mostra tudo sob aspectos diferentes. Nessa esfera cheia de serenidade, uma nova consciência se inflama. Então, ele pode dar os últimos passos em direção ao cimo onde nada mais é fugidio, pois tudo o que é transitório foi deixado para traz. Esse novo campo de vida é uma esfera de luz inextinguível, cuja tênue claridade o havia chamado quando ainda estava lá embaixo, no vale.

Que medidas devem ser tomadas

Em seguida vem a fase probatória. Quando colocamos em ordem e em condição de uso todo o material, resta o mais importante: ousar instruir-nos com cada um, com o grupo, e especialmente com a *montanha*! O poder da montanha é imenso, todos os alpinistas concordam com isso. Em tempo claro, podemos ter uma idéia do cimo, sem ainda conhecê-lo. Porém, em dado momento, é preciso subir. É a fase probatória: a vida nos limites desta vida e de uma outra...

Entramos, em seguida, na fase professa. Escolhemos o caminho certo a nosso ver. O livro *As núpcias alquímicas de Christian Rosenkreuz* nos dá aqui algumas indicações:

"Deus nos guarde, convidado! Se a notícia das núpcias reais chegou a teus ouvidos […] há quatro caminhos que o Noivo te propõe […] Esses quatro caminhos levam até o castelo do Rei com a condição de não te perderes em desvios. O primeiro é curto, porém perigoso […] O segundo, mais comprido por causa das voltas. Ele é plano e fácil, com a condição de não te desviares nem à esquerda, nem à direita, isso com a ajuda de uma bússola. O terceiro é a verdadeira Via Real […] No entanto, até o dia de hoje, somente um homem entre milhares conseguiu segui-lo.

Nenhum mortal pode seguir o quarto […] somente aqueles que têm corpos incorruptíveis podem suportá-lo."

Para indicar a Via Real, a mais curta, os escaladores dizem: *direttissimo*. Ela vai diretamente ao alvo, mas exige que todas as dificuldades sejam vencidas, por maiores que sejam. Só podem segui-la os alpinistas mais corajosos e

os mais experimentados. J. van Rijckenborgh diz a esse respeito: "É preciso compreender que só podemos empreender a via que corresponde a nosso destino, a via para a qual estamos maduros e que corresponde à nossa situação".

A montanha, o alvo a ser atingido, exerce uma poderosa atração. Só de poder avistar o cimo, esquecemos as circunstâncias presentes, estamos prontos a ir em frente, reunimos nosso equipamento, e, no entanto, ainda não estamos totalmente prontos! Entramos em um campo de respiração diferente que nos obriga a mudar! E a primeira coisa que aprendemos é que é preciso aclimatar-nos, adaptar-nos à energia especial desse campo de vida totalmente diferente. A segunda lição é que não devemos, na escarpa da montanha, acreditar-nos mais que um grão de poeira, e isso é uma experiência marcante.

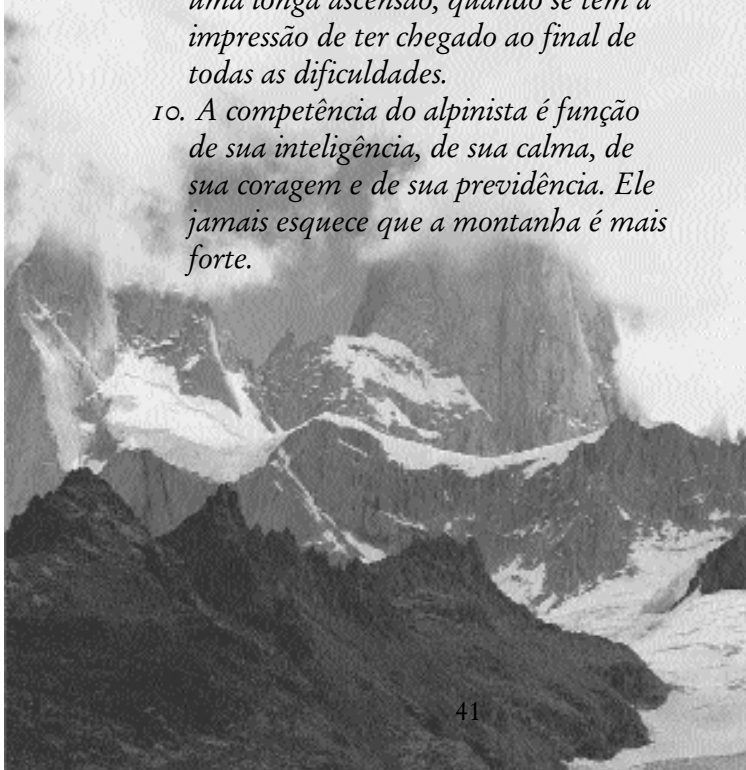
Em um recanto do Clube Alpino Francês, estão afixadas as dez regras do alpinista, que estão ao lado. Os comentários são supérfluos: é nosso caminho, traçado conscientemente em decorrência de grande número de experiências e de muito suor.

Como devemos escutar

Um *sermão da montanha* não se dirige à multidão, mas àqueles que tomaram parte na expedição. O que é dito só pode ser ouvido por aqueles que têm um grande anseio. Quanto mais nos aproximamos da montanha, mais detalhes se oferecem à vista. Esse é o caso quando o alpinista se encontra sobre uma placa de gelo no flanco da montanha: sua situação é muito particular. Nada, nenhuma forma nem cor lembram-lhe o mundo lá de baixo. O próprio ar é de composição

Alpinistas, levem sempre em conta estas dez regras fundamentais:

1. *O poder da montanha é imenso comparado com a fraqueza humana. Para enfrentá-la é preciso dispor de forças físicas e espirituais.*
2. *Não se aventurem na montanha em má condição física e sem treinamento. Alimentem-se adequadamente, mas sem excesso.*
3. *Um bom equipamento é muito importante. Muitos acidentes acontecem por causa de equipamentos inadequados.*
4. *Uma corda é indispensável.*
5. *Nunca partam sozinhos, nunca abandonem um companheiro.*
6. *Conhecer a montanha é a condição para ser um bom alpinista. Obtém-se esse conhecimento seguindo cursos intensivos, com guias e amigos experientes. O domínio onde vocês penetram não é um terreno onde se sentirão em casa; é preciso incessantemente estar vigilante.*
7. *Não confiem no tempo. Na montanha, o tempo é enganador e muda rapidamente.*
8. *Na montanha, as circunstâncias jamais são as mesmas e mudam a cada estação.*
9. *Temam uma única coisa: o relaxamento da vigilância, especialmente após uma longa ascensão, quando se tem a impressão de ter chegado ao final de todas as dificuldades.*
10. *A competência do alpinista é função de sua inteligência, de sua calma, de sua coragem e de sua previdência. Ele jamais esquece que a montanha é mais forte.*





Os escritos da Índia consideram o Monte Meru como o "umbigo do mundo", e no hinduismo o "Mahameru" é "a grande montanha do mundo".
Os antigos textos budistas dão ao Kailasa, no Himalaia, o nome de Meru. Tanto para os hinduístas como para os budistas ele é o centro do Universo.
Freqüentemente as teorias cosmológicas são associadas a montanhas sagradas.
No Avesta, mensagem de Zoroastro em antigo persa, trata-se do Hara Barzaiti. Essa montanha engloba o mundo e em seu cume giram as estrelas, o sol e a lua.
Seu nome permanece no atual Alborz, ao norte do Irã.
Na África, desde a Antigüidade, o Kilimanjaro, a mais alta montanha do continente, é venerado. Esse nome significa "impossível de vencer".
Dizem que nenhum pássaro, leopardo ou caravana humana pode alcançar o branco cimo.
Na mitologia grega, o monte Olimpo é a morada de Zeus e de outros deuses, enquanto o Parnaso é o berço da humanidade.
Muitas vezes são altas montanhas, visíveis de longe, cujos cimos se perdem nas nuvens. Mas na Austrália, a montanha sagrada dos aborígines, o Uluru ou Ayers Rock, é relativamente pouco elevada: 867 metros; enorme monólito quase exatamente no meio da Austrália, cercado de terras planas.

diferente, mais sutil. É literalmente um outro campo de respiração. Os pensamentos se voltam, então, para aqueles que permaneceram em baixo, e nasce o desejo de compartilhar a experiência com eles.

A história da montanha

Conta-se que, nos flancos da montanha branca, na fronteira entre a rocha e a neve eterna, morava um sábio. Vendo aproximar-se seu fim, ele reuniu seus discípulos a fim de escolher o sucessor que manteria acesa a luz da lâmpada que, qual um farol, deveria iluminar o caminho que conduzia ao cimo.

O sábio disse: "Juntos, tivemos muitas experiências, tivemos sempre o mesmo alimento. Cada um deve agora testemunhar o que fez. É o meu momento de partir. A lâmpada brilha sempre. Enquanto for necessário, sua luz deverá iluminar os escaladores. Contudo, é preciso manter o fogo. O guardião da flama tem por tarefa velar para que sua própria flama interior jamais cesse de brilhar. Eu lhes dou, pois, a tarefa de alcançar o cimo da montanha e de manter o fogo. Escolham entre viver e sobreviver!"

Depois desse discurso, os discípulos puseram-se a caminho. O primeiro tomou as palavras do mestre ao pé da letra. Ele desceu em direção à parte rochosa onde cresciam as primeiras árvores e recolheu combustível para seu fogo. Mas, quanto mais alto queimava o fogo, mais frio ele sentia. Ele construiu uma cabana, e nem viveu nem sobreviveu. O segundo também desceu, recolheu galhos e madeira seca, as cinzas de uma existência anterior, depois seguiu o caminho das alturas com seu pesado fardo. Mas este se mostrou demasiado pesado, e ele nem viveu nem sobreviveu. O terceiro, meditando sobre as palavras do mestre, acabou por negligenciar-se, abrigou-se na fronteira entre rochas e neves eternas e chegou à imobilidade total. O quarto começou a escalar de modo intrépido, tendo por único pensamento o alvo a ser alcançado, dedicando a si mesmo muito pouca atenção. Mas teve de retornar, pois não havia se adaptado a essas alturas.

O quinto alcançou o cume, porém sem lâmpada nem fogo. Ele acreditou poder dispor de combustível como lá embaixo. Ele perdeu toda a sua energia na subida e morreu. O sexto, apavorado com a sorte de seus condiscípulos, retornou ao mundo lá de baixo. Ele retomou o alimento habitual, e nem viveu nem sobreviveu. O sétimo refletiu sobre as palavras do mestre e, apesar de se sentir indigno, manteve a lâmpada acesa. Ele pensava: "É inútil subir ou descer se a chave da pedra que sustenta a passagem para o cimo encontra-se no meu próprio coração". Essa compreensão fez o fogo chamejar tão alto que o gelo derreteu e derramou-se em um manancial de água viva.

Na Bíblia, muitos eventos acontecem em montanhas. Moisés recebe as Tábuas da Lei. Jesus reúne seus discípulos para proferir seu "Sermão da Montanha", princípios a serem seguidos para guiar os discípulos já preparados. Ele conclui dizendo: "Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha. E desceu a chuva, e correram rios, e assopraram ventos, e combateram aquela casa, e não caiu, porque estava edificada sobre a rocha" (Mateus 7: 24-25). O caminho de cruz leva Jesus ao Gólgota, o "monte do crânio", evocação do cérebro humano e de sua importância para o desenvolvimento do novo homem. Se a luz se eleva do átomo divino do coração e ilumina o cérebro, o caminho de cruz alcançou seu alvo. É a morte do velho homem, e o novo homem, renascido do Espírito, celebra sua ressurreição.

No flanco da montanha. Foto Pentagrama.

EDITORA ROSACRUZ



O chamado da Fraternidade Rosacruz

J. van Rijckenborgh

Análise da *Fama Fraternitatis*, considerada o primeiro documento a declarar publicamente a existência da Rosacruz clássica.



Filosofia elementar da Rosacruz moderna

J. van Rijckenborgh

Este livro mostra o que de substancial acontece quando o homem deseja realmente a libertação.



O Nuctemeron de Apolônio de Tiana

J. van Rijckenborgh

Neste livro, J. van Rijckenborgh nos oferece a rara oportunidade de vislumbrar esse conhecimento arcano, compreendê-lo e torná-lo pedra fundamental de nossas vidas.



O mistério iniciático cristão: Dei Gloria Intacta

J. van Rijckenborgh

O sentido esotérico das sete cartas do Apocalipse de João é esclarecido neste livro segundo a visão da Rosacruz moderna.



No caminho do Santo Graal

Antonin Gadal

Descrição de um rito de iniciação cátara. Nele percebemos o silêncio das grutas do vale do Ariège e a força que permite palmilhar o caminho das estrelas, o caminho do Santo Graal.



O remédio universal

J. van Rijckenborgh

O remédio universal é uma força-luz astral curadora, de outra natureza, que possibilita ao homem empreender em si mesmo a grande obra de santificação.

EDITORA Rosacruz

www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.br

EDITORA ROSACRUZ



SÉRIE CRISTAL

1 - DO CASTIGO DA ALMA
As lições contidas neste livro marcam com o fogo da sabedoria hermética as almas anelantes.

2 - OS ANIMAIS DOS MISTÉRIOS
Este livro instiga o leitor a decifrar dentro de si mesmo vários símbolos transmitidos pelo Ensinamento Universal.



ALGUMAS PALAVRAS DO MAIS PROFUNDO DO SER
Karl von Eckartshausen
Após haver descrito as fraquezas que causam a infelicidade do homem, o autor evoca as possibilidades que permitem vencê-las.



TRANSFIGURAÇÃO
Catharose de Petri
A libertação pode ser alcançada pela transfiguração, descrita de maneira clara neste pequeno livro que iluminará o caminho de todo verdadeiro buscador.



O CAMINHO DA ROSACRUZ NOS DIAS ATUAIS
A Escola Internacional da Rosacruz Áurea traz ao leitor um resumo de seu ensinamento, de seu método de trabalho e de sua estrutura organizacional.



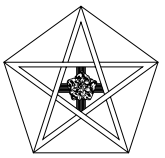
HISTÓRIAS DO ROSEIRAL
Histórias baseadas no Ensinamento Universal que buscam despertar no jovem leitor algo do amor divino perdido com o passar das eras, algo que dormita no mais profundo de seu coração.



JOÃO ULTIMONASCIDO
João recebeu como herança uma casa e uma missão:
Transforma esta casa segundo o plano original. Renova cada cômodo...
Aquele que edifica como um mestre construtor encontrará a pedra filosofal!
Será ele capaz de cumprir tão nobre missão?

www.editorarosacruz.com.br - info@editorarosacruz.com.br

EDITORA Rosacruz



O essencial é invisível aos olhos.
Só vemos bem com o coração.

Antoine de Saint-Exupéry, O pequeno príncipe (p. 28).